

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA

**CAROLINY BATISTA MASSARIOL**

**A EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL EM CARTAS E POSTAIS**  
**CAPIXABAS DO SÉCULO XX**

VITÓRIA  
2018

CAROLINY BATISTA MASSARIOL

**A EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL EM CARTAS E POSTAIS  
CAPIXABAS DO SÉCULO XX**

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação *stricto  
sensu* em Linguística, da  
Universidade Federal do Espírito  
Santo.

Orientadora: Prof. Dra. Lilian  
Coutinho Yacovenco.

VITÓRIA  
2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

Massariol, Caroliny Batista, 1994-  
M414e      A expressão do sujeito pronominal em cartas e postais  
capixabas do século XX / Caroliny Batista Massariol. – 2018.  
135 f. : il.

Orientador: Lilian Coutinho Yacovenço.  
Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade  
Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e  
Naturais.

1. Sociolinguística. 2. Cartas. 3. Cartões postais. 4. Sujeito  
pronominal. I. Yacovenço, Lilian Coutinho. II. Universidade  
Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e  
Naturais. III. Título.

CDU: 80

---

Elaborado por Perla Rodrigues Lôbo – CRB-6 ES-527/O

**Caroliny Batista Massariol**

**“A expressão do sujeito pronominal em cartas e postais capixabas do século XX.”**


Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 14 de março de 2018.

Comissão Examinadora:



**Prof. Dra. Lilian Coutinho Yacovenco (UFES)**  
Orientadora e Presidente da Comissão Examinadora



**Prof. Dra. Maria Marta Pereira Scherre (UFES)**  
Examinadora Titular Interna



**Prof. Dra. Vera Lúcia Paredes Pereira da Silva (UFRJ)**  
Examinadora Titular Externa

A todos (as) trabalhadores (as).

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, à minha família que sempre esteve presente em minha vida, me apoiando em todos esses anos de estudos, em especial, agradeço à minha mãe, Rosimery Batista dos Santos Massariol, a meu pai, Braz Massariol, e a meu xodozinho, meu irmão, Cayquinho. Agora na reta final, agradeço ao destino por colocar em nosso lar o novo mascote, o Miau, que acompanhou minhas leituras em voz alta, ótimo ouvinte (risos).

Agradeço às minhas tias Regilene e Vera Massariol. Tia Lene por sempre me apoiar e por ter lido e dado palpites sobre meu projeto; tia Vera por sempre me abrigar na sua casa desde a graduação e, claro, sempre me apoiar com palavras sábias. Agradeço ao “tio” Marcel Becalli pelas ajudas sempre dadas a mim e pelas caronas.

Agradeço a todos funcionários do Arquivo Público do Espírito Santo, em especial, a Michel, que me deu atenção redobrada nas pesquisas de campo quando estava a procura de cartas capixabas. Agradeço à Mariza Guimarães pela atenção dada a mim em toda a pesquisa e por sempre incentivar pesquisas sobre a história de nosso estado.

Agradeço, de todo meu coração, a paciência concedida a mim pela professora Lilian Coutinho Yacovenco, desde a graduação até agora com o fim do mestrado. Foram quase seis anos de parceria. Não sei como expressar toda essa atenção e paciência. Apenas agradeço a tudo: às leituras indicadas, às leituras atentas ao texto, aos cafés, às reuniões e conversas sobre o cenário atual das pesquisas.

Agradeço à professora Maria Marta Pereira Scherre toda a atenção desde a graduação até o presente momento. Agradeço também às discussões trazidas para o grupo de pesquisa, às leituras indicadas e, sobretudo, à energia que nos traz com sua presença e garra.

Agradeço, também, à professora Vera Lucia Paredes Silva pela leitura atenciosa do meu texto na qualificação, às indicações de leituras e, agora, por estar na minha banca de defesa.

Agradeço à professora Leila Tesch por toda a atenção e à indicação de leituras que foram essenciais para eu ter esse novo olhar sobre a sociolinguística.

Agradeço a todas as companheiras e ex-companheiras do grupo de pesquisa de que faço parte, o Portvix. Agradeço à Juliana, parceira de graduação, à Karina, parceira de viagem em congressos e pesquisa (muitas saudades de você, viu?), ao Frederico, eterno calouro (usei feminino, pois os homens são exceções aqui), ao Heitor (agradeço por toda a parceria na procura pelas cartas. Serei eternamente grata por ter me dado essa oportunidade), à Samine, amiga de militância e de pesquisa (não sei se você se lembra, mas você fez a ponte para eu entrar nesse meio acadêmico e conhecer a Lilian e todo o grupo de pesquisa), ao Wladimir (agradeço por todas as discussões que tivemos sobre os textos lidos, cada um com um olhar diferente), à Marliny, à Tarsila, à Aline (lembra-se da minha primeira Jornada de Iniciação Científica? Você estava ao meu lado. Lembro-me também de você ensinando a mim e à Karina, no laboratório do Bernadette Lyra, como se fazia uma rodada no Goldvarb X. Foi a primeira vez que usei o programa!) à Jessyca, por sempre me ouvir e me dar conselhos, ao Jares, à Lays, à Ludmila, à Nana e à Carolina.

Agradeço aos amigos feitos na graduação, em especial, à Luana Martins, e aos amigos feitos na turma de Letras 2012/1, em especial, a Raphael Oliveira, a Marcio Favero Fiorin, à Izamara Kuster e à Juliana (nosso grupo permanece eterno e não sei expressar todo amor que sinto por vocês).

Agradeço aos amigos feitos na escola Serrana e na escola Clovis Borges Miguel, à Erlany Monteiro, à Camila Barth, à Brenda Stocco, ao Alberto Montarrois, ao Lucas Santana e à Brenda Evangelista. Obrigada por toda a atenção e aos momentos de descontração.

Agradeço a todos que estiveram comigo no movimento estudantil da Ufes, no movimento estudantil nacional e nos movimentos sociais. Agradeço aos companheiros que ajudaram na organização do Diretório Acadêmico de Letras da Ufes, e, também, à Associação de alunos pós-graduandos da Ufes, à Executiva de Curso de Letras, à representação discente nas instâncias da Ufes, ao antigo coletivo Construa, à Chapa Voz Ativa- DCE Ufes, à equipe de professores de apoio às ocupações da primavera secundarista em 2016, à atual

gestão da Associação de moradores de Maria Niobe - chapa Comunidade Coletiva para Mudar. Agradeço a todos por me mostrarem um novo olhar sobre sociedade e por terem sempre tido paciência comigo nessa caminhada da dissertação ou, mesmo, na ideia de pesquisa.

Por fim, agradeço à Capes por ter incentivado esta pesquisa.



## RESUMO

A expressão do sujeito pronominal, tema da presente dissertação, pode ocorrer de duas formas diferentes: preenchida, como vista no cartão-postal de Vicente Caetano, de 14 março de 1954 (“**eu** poderia ir procurar”) ou não preenchida, como na carta de Oswald Guimarães, de 16 de março de 1919 (“Ø Irei assistir e Ø te contarei”), tendo suas especificidades de condicionamento de um uso para outro a depender de cada pessoa do discurso. Entre os diversos linguistas que estudaram esse fenômeno, Paredes Silva (1988), ao analisar cartas pessoais escritas por universitários cariocas, enfatiza a importância de se estudarem as influências funcionais por detrás do sujeito pronominal explícito Duarte (1993), baseada em peças teatrais cariocas dos séculos XIX e XX, constata que a expressão do sujeito pronominal tem sofrido modificação no português brasileiro (PB), passando de nulo/não expresso para a expressão pronominal explícita. Segundo a autora, uma das razões é a gramaticalização dos pronomes *você*, *vocês* e *a gente*, fato que produz um rearranjo no quadro dos pronomes e, por consequência, do paradigma verbal. Em conformidade com estudos anteriores, temos por hipótese que a expressão explícita do sujeito pronominal ocorre devido a motivações internas e externas. Para a comprovação de nossa hipótese, baseados nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]), analisamos cartas e cartões postais manuscritos ao longo do século XX por dois missivistas nascidos no Espírito Santo. Estudamos o fenômeno de duas formas: a análise geral da expressão do sujeito pronominal em todo o sistema e a baseada em cada pessoa do discurso do singular. Verificamos a influência dos seguintes fatores sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal: ênfase, pronome, ambiguidade, envolvimento, estrutura da correspondência, mudança de referência, temática dos tópicos dos trechos das correspondências e, na terceira pessoa do discurso, a animacidade do sujeito. Com esse estudo, observamos a variação da expressão do sujeito pronominal na escrita de capixabas.

Palavras-chave: sociolinguística; cartas; cartões postais; sujeito pronominal.

## ABSTRACT

The expression of pronominal subject in Brazilian Portuguese, theme of this essay, may occur in two different forms: filled, as observed on Vicente Caetano's postcard, dated March 14<sup>th</sup>, 1954 ("eu poderia ir procurar") or non-filled, as found on Oswald Guimarães's letter, dated March 16<sup>th</sup>, 1919 ("Ø Irei assistir *and* Ø te contarei"). Both forms have their specificities of conditioning from one use to another dependent on each discourse subject. Several linguistics have studied this phenomenon, among them: Duarte's (1993) analysis based on theatrical plays from Rio de Janeiro during the XIX and XX centuries stated that the expression of the pronominal subject in Brazilian Portuguese (PB) has been suffering modification, in which, the null or non-expressed subject opens way to the explicit pronominal expression. It is to given the grammaticalization of the pronouns *você*, *vocês* e *a gente*, fact that produces some rearranging on the chart of pronouns; Paredes Silva (1988) emphasizes the importance of studying the functional influences behind the explicit pronominal subject. As mentioned in previous studies, there is the hypothesis that this phenomenon undergoes conditioning, that is, it occurs a fill in the expression of the pronominal subject on certain occasions, due to internal and external motivations. To substantiate our hypothesis, we have done an analysis, according to the assumptions of the Theory of Language Variation and Language Change (LABOV, 2008 [1972]), in letters and postcards handwritten by two writers born in Espírito Santo throughout the XX century: Oswald Cruz Guimarães and Vicente Caetano. We analyzed the phenomenon from two perspectives: general analysis of the expression of the pronominal subject in the entire system and of each person of the singular discourse. We verified the influence of the following factors on the filled expression of the pronominal subject: emphasis, pronoun, ambiguity, style, structure of correspondence, change of reference, subject matter of the excerpts of the correspondences and, in the third person of the discourse, the subject's liveliness. With this study, we observed the variation of the expression pronominal subject used by writers from Espírito Santo, Brazil.

Keywords: sociolinguistics; missive; postcard; subject pronominal.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1- Postal de Vicente Caetano.....	66
Fotografia 2- Oswald Cruz Guimarães .....	68
Fotografia 3- Vicente Caetano.....	69

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Quadro dos paradigmas nominais e flexionais do PB .....	36
Quadro 2- Cartas e postais distribuídos por década .....	63
Quadro 3 - Quadro comparativo entre Oswald e Vicente das variáveis selecionadas na análise geral, de acordo com a ordem de seleção do programa Goldvarb X .....	87
Quadro 4- Quadro comparativo, entre Oswald e Vicente, de variáveis selecionadas, seguindo a ordem de seleção do programa Gold VarbX na análise da 1ª pessoa do singular .....	99
Quadro 5- Quadro comparativo, entre Oswald e Vicente, de variáveis selecionadas, seguindo a ordem de seleção do programa Goldvarb X na análise da 2ª pessoa do singular (você) .....	107
Quadro 6- Quadro comparativo, entre Oswald e Vicente, de variáveis selecionadas, seguindo a ordem de seleção do programa Gold VarbX na análise da 3ª pessoa do singular .....	111

## LISTA DE SIGLAS

Cf.- conferir.

ES- Espírito Santo.

Lane- atlas linguístico da Nova Inglaterra.

Nurc- norma urbana culta.

PB- português brasileiro.

PE- português europeu.

PR- peso relativo.

Peul- programa de estudos sobre o uso da língua.

Portvix- projeto do português falado na cidade de Vitória.

SN- sintagma nominal.

UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1- efeito da ambiguidade sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal.....	88
Tabela 2- o efeito da ênfase sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal .....	90
Tabela 3- o efeito do envolvimento sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal.....	91
Tabela 4- efeito da mudança de referente sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal em todo o sistema pronominal .....	93
Tabela 5- efeito da estrutura da carta sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal em todo o sistema nas cartas de Oswald Guimarães.....	94
Tabela 6- efeito do pronome sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal em todo o sistema, nas cartas de Oswald Guimarães .....	95
Tabela 7- efeito da temática do trecho sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal em todo o sistema, nos postais de Vicente Caetano .....	96
Tabela 8- frequência da expressão do sujeito pronominal por pronome em uma análise comparativa entre os missivistas oswald e vicente.....	98
Tabela 9- o efeito da ênfase sobre a expressão preenchida da 1ª pessoa do singular.....	101
Tabela 10- o efeito da ambiguidade na análise da expressão preenchida do sujeito pronominal 1ª pessoa .....	103
Tabela 11- efeito da mudança de referente sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal na primeira pessoa do singular nas cartas de Oswald Guimarães.....	104
Tabela 12 - efeito do envolvimento sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal na primeira pessoa do discurso, nas cartas de Oswald Guimarães .....	105

Tabela 13- efeito da temática do trecho dos postais sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal de primeira pessoa do singular, nos postais de Vicente Caetano.....	106
Tabela 14- efeito do envolvimento sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal na 2ª pessoa do singular .....	109
Tabela 15- efeito da ambiguidade contextual sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal na segunda pessoa do singular nas cartas de Oswald Guimarães.....	110
Tabela 16- efeito da ambiguidade contextual sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal na terceira pessoa do singular .....	112
Tabela 17- efeito da animacidade sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal de terceira pessoa do singular.....	113
Tabela 18- efeito da temática do trecho sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal de terceira pessoa do singular nos postais de Vicente Caetano .	114
Tabela 19- efeito da ênfase sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal de terceira pessoa do singular, nos postais de Vicente Caetano .....	115
Tabela 20- efeito da mudança de referente sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal de terceira pessoa do singular, nos postais de Vicente Caetano.....	116
Tabela 21- tabela comparativa de resultados quanto a expressão preenchida do sujeito pronominal .....	119

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	19
CAPÍTULO 1 .....	22
1. O SUJEITO PRONOMINAL.....	22
1.1. A VISÃO DA TRADIÇÃO GRAMATICAL ACERCA DA EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL .....	22
1.1.1. A expressão do sujeito pronominal: a visão da tradição gramatical ..	23
1.1.2. Expressão do sujeito pronominal: a visão das novas gramáticas do português brasileiro .....	26
1.2. ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS SOBRE A EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL .....	28
1.2.1. Solange Lira (1988) .....	29
1.2.2. Vera Lúcia Paredes Silva (1988) .....	31
1.2.3. Maria Eugênia Lamoglia Duarte (1993).....	35
1.2.4. Vera Lúcia Paredes Silva (2007) .....	39
1.2.5. Valdenise Simone Melo Moulin Breda (2016).....	42
1.3. A MUDANÇA NO SISTEMA PRONOMINAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO- BREVE RETROSPECTIVA .....	43
1.4. RECAPITULANDO.....	45
CAPÍTULO 2 .....	46
2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	46
CAPÍTULO 3 .....	61
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	61
3.1.1. A amostra .....	61
3.1.2. A caracterização das cartas e dos postais .....	63
3.1.3. Os missivistas.....	67
3.2.1. Variável dependente .....	70
3.2.2. Variáveis independentes .....	71
CAPÍTULO 4 .....	85



<b>4.DISSCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>85</b>
<b>4.1.1. O efeito da ambiguidade na análise global da expressão do sujeito pronominal .....</b>	<b>88</b>
<b>4.1.2. O efeito da ênfase na análise global da expressão do sujeito pronominal .....</b>	<b>89</b>
<b>4.1.3. O efeito do grau de envolvimento na análise global da expressão do sujeito pronominal.....</b>	<b>91</b>
<b>4.1.4. O efeito da mudança de referente na análise global da expressão do sujeito pronominal.....</b>	<b>92</b>
<b>4.1.5. O efeito da estrutura da carta na análise global da expressão do sujeito pronominal nas cartas de Oswald Guimarães.....</b>	<b>94</b>
<b>4.1.6. O efeito do pronome na análise global da expressão do sujeito pronominal nas cartas de Oswald Guimarães.....</b>	<b>95</b>
<b>4.1.7. O efeito do tema do trecho na análise global da expressão do sujeito pronominal nos postais de Vicente Caetano .....</b>	<b>96</b>
<b>4.1.8. Análise comparativa da expressão do sujeito pronominal no sistema pronominal .....</b>	<b>97</b>
<b>4.2.1. A influência da ênfase sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal na 1ª pessoa do singular.....</b>	<b>100</b>
<b>4.2.2. A influência da ambiguidade sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal na 1ª pessoa do singular.....</b>	<b>101</b>
<b>4.2.3. A influência da mudança de referente sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal na 1ª pessoa do singular nas cartas de Oswald Guimarães .....</b>	<b>104</b>
<b>4.2.4. A influência do grau de envolvimento sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal na 1ª pessoa do singular nas cartas de Oswald Guimarães .....</b>	<b>105</b>
<b>4.2.4. A influência da temática do trecho sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal na 1ª pessoa do singular nos postais de Vicente Caetano .....</b>	<b>106</b>
<b>4.3.1. A influência do grau de envolvimento sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal na 2ª pessoa do singular- pronome você .....</b>	<b>108</b>

4.3.2. A influência da ambiguidade sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal na 2ª pessoa do singular (você) nas cartas de Oswald Guimarães .....	109
4.4.1. A influência da ambiguidade sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal na 3ª pessoa do singular.....	111
4.4.2. A influência da animacidade do sujeito sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal na 3ª pessoa do singular nos postais de Vicente Caetano .....	112
4.4.3. A influência da temática dos trechos sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal na 3ª pessoa do singular nos postais de Vicente Caetano .....	114
4.4.4. A influência da ênfase sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal na 3ª pessoa do singular nos postais de Vicente Caetano.....	115
4.4.5. A influência da mudança de referente sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal na 3ª pessoa do singular nos postais de Vicente Caetano .....	115
4.5.1. Análise comparativa geral dos dados .....	117
4.5.2. Análise comparativa por pessoa do discurso .....	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	121
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	124
APÊNDICES.....	129
APÊNDICE A- EFEITO DO PRONOME VERSUS AMBIGUIDADE NA ESCRITA DE OSWALD GUIMARÃES.....	129
APÊNDICE B- EFEITO DO PRONOME VERSUS AMBIGUIDADE NA ESCRITA DE VICENTE CAETANO .....	130
APÊNDICE C- EFEITO DO ENVOLVIMENTO VERSUS TEMÁTICA DOS TRECHOS NA ESCRITA DE OSWALD .....	131
APÊNDICE D- EFEITO DO ENVOLVIMENTO VERSUS TEMÁTICA DOS TRECHOS NA ESCRITA DE VICENTE CAETANO .....	132
ANEXO.....	133
ANEXO A- ALGUNS POSTAIS DE VICENTE CAETANO.....	133

## INTRODUÇÃO

Este estudo surge da necessidade em observarmos a língua em situação real de uso em sincronias passadas, sincronias essas em que muitas vezes é difícil encontrar material de língua falada para se pesquisar a variação linguística. Sendo assim, uma das alternativas encontradas é o estudo da escrita mais informal, cuja proximidade com a fala seja maior. Uma dessas escritas é a de cartas e postais pessoais, uma vez que esse tipo de comunicação se caracteriza por certo grau de intimidade e familiaridade entre os interlocutores. Outro tipo de material que possui essa característica são as peças teatrais, uma vez que nelas os autores procuram, muitas vezes, apresentar a realidade da sociedade que retratam, registrando da forma mais próxima ao real a língua usada pelos personagens de suas peças.

Optamos, neste estudo, por estudar a variação do sujeito pronominal em cartas e cartões postais. A busca pelo material de análise se deu por duas vias: (1) arquivos públicos, onde ficam, normalmente, correspondências de pessoas públicas, usualmente, políticos. Essas correspondências são, frequentemente, selecionadas pelos familiares e, posteriormente, entregues aos arquivos públicos; (2) arquivos familiares ou privados, que são aqueles em que a família guarda e tem posse de correspondências que eram trocadas por parentes como forma de memória da história de suas famílias.

As cartas e os postais, diferentemente de outros gêneros textuais que circulavam também em épocas passadas e que poderiam servir de suporte para o estudo da língua, são um texto considerado menos formal por conta da sua finalidade, sobretudo, se eram trocados entre amigos e familiares, pessoas que tinham maior envolvimento e intimidade. Dessa forma, devido às relações, normalmente simétricas, a interação se caracterizava por uma escrita menos monitorada. Desse modo, podemos dizer que esses textos podem ser considerados uma escrita mais informal, especialmente se a compararmos com a de um jornal, que é um texto mais monitorado.

O estudo da língua em sincronias passadas nos possibilita investigar a variação e a mudança linguística no decorrer das épocas. Tomando por base a Teoria da

Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]), que concebe a língua como inerentemente variável, pretendemos investigar a variação linguística ocorrida no período e observar os contextos que favorecem a expressão preenchida do sujeito pronominal.

O fenômeno linguístico analisado, foco do presente estudo, é a expressão do sujeito pronominal, que pode ocorrer de dois modos: expressão preenchida do sujeito pronominal ou expressão não preenchida, como o que ocorre no seguinte trecho: “Meu bem, **eu** sei que é feio um homem ser chorão. Mas **Ø** procuro consolar-me commigo mesmo” (Carta de Oswald, datada de 8 de dezembro, de 1919). Esse fenômeno pode ser estudado de duas maneiras, analisando-o em todo o sistema pronominal ou observando as especificidades de cada pessoa do discurso. No presente estudo, faremos os dois tipos de análise.

A expressão do sujeito pronominal, conforme algumas pesquisas mencionam, passou por mudanças no século passado, sobretudo do século XIX para o XX. Se antes havia maior frequência de sujeitos pronominais não preenchidos, com o passar do tempo houve um maior preenchimento dessa posição, o que, por vezes, tem sido justificado por conta da gramaticalização dos pronomes pessoais *você, vocês e a gente* (Cf. DUARTE 1993, LOPES & DUARTE (2003)). Entretanto, alguns autores (PAREDES SILVA, 1988; 2007) salientam a importância de se investigarem as motivações funcionais que atuam sobre o preenchimento ou não do sujeito pronominal. No primeiro capítulo dessa dissertação faremos uma abordagem sucinta de alguns estudos que focaram esse fenômeno linguístico, traçando uma revisão bibliográfica.

Em um segundo momento, mostraremos o surgimento da teoria que serve de suporte para esse estudo que é, como já mencionado, a Teoria da Variação e Mudança Linguística. Como recorte histórico de seu surgimento, pincelamos estudos pilares na área. Além dessa teoria, trataremos um pouco da junção dessa teoria com Funcionalismo Norte-americano, fazendo surgir, então, o sociofuncionalismo, sendo este, também, um dos norteadores dessa pesquisa.

Em seguida, trataremos sobre a amostra analisada, descrevendo-a, já que isso poderá nos ajudar na análise dos resultados. Também apresentamos a

metodologia utilizada para a análise dos dados, mostrando o caminho percorrido para que esse estudo fosse possível.

Em um quarto momento, mostraremos o envelope da variação, apresentando os fatores analisados e nossas expectativas sobre sua atuação sobre o fenômeno em questão. Após esta etapa, faremos a análise dos resultados e sua comparação com os de outros estudos. Por fim, teceremos nossas considerações finais.

## CAPÍTULO 1

### 1. O SUJEITO PRONOMINAL

Neste capítulo realizamos uma revisão da literatura acerca do fenômeno linguístico norteador desta dissertação. Em um primeiro momento, discorreremos a respeito de como a expressão do sujeito pronominal é abordada pela tradição gramatical e também pelas novas gramáticas do português brasileiro. Num segundo momento, fazemos um recorte de pesquisas de diferentes abordagens, dentro da Sociolinguística Variacionista, sobre a expressão do sujeito pronominal na escrita. Por fim, abordamos como a gramaticalização dos sintagmas nominais *a gente*, *você* e *vocês* e sua inserção no sistema de pronomes pessoais influenciam, segundo algumas pesquisadoras, um maior preenchimento do sujeito pronominal.

#### 1.1. A VISÃO DA TRADIÇÃO GRAMATICAL ACERCA DA EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL

Nesta seção objetivamos responder às seguintes perguntas: como as gramáticas observam a expressão do sujeito pronominal? Suas elucidações são com base na língua que falamos e escrevemos? Como podemos utilizar suas definições acerca do fenômeno para a presente análise em cartas e postais de sincronias passadas?

Em uma análise com base na Sociolinguística Variacionista, investigam-se quais restrições motivam o uso de uma variante em detrimento de outra. No caso específico deste estudo, que segue essa teoria, pesquisamos quais fatores favorecem a expressão preenchida do sujeito pronominal no lugar da forma considerada mais antiga, o sujeito pronominal implícito.

Uma das formas de buscarmos respostas a esses questionamentos é procurar na tradição gramatical como o fenômeno, tema de nosso estudo, é abordado.

Além disso, é de interesse também do pesquisador reportar-se a estudos já feitos acerca do tema que seguem a mesma perspectiva teórica.

Nesta seção mostramos como a tradição gramatical trata a expressão do sujeito pronominal. Em primeiro momento, apresentamos um recorte bibliográfico das gramáticas que possuem um caráter mais tradicional e, em um segundo momento, voltamo-nos às gramáticas que possuem um caráter inovador, passando, com base em pesquisas linguísticas, a descrever o fenômeno linguístico e apresentar resultados de pesquisas, considerando, portanto, a língua de forma mais dinâmica.

### **1.1.1. A expressão do sujeito pronominal: a visão da tradição gramatical**

Ao reportar-nos à tradição gramatical, buscamos averiguar como os gramáticos Rocha Lima (2011), Bechara (2009) e Cunha & Cintra (2001) tratam o sujeito pronominal.

Segundo Rocha Lima (2011, p.395),

Por serem explícitas nossas desinências verbais, é comum a elipse do sujeito pronominal:

“- Queres talvez que vá acordar Carlos, para que me faça o favor de aceitar minhas prendas?” (JÚLIO DINIS)

Quando o sentido não distingue, evita-se a ambiguidade pela expressão do sujeito; tal se dá entre as formas da 1ª e 3ª pessoas do singular do imperfeito, e do mais-que-perfeito do indicativo; futuro do pretérito; presente, imperfeito e futuro do subjuntivo, e infinitivo pessoal: lia, lera, leria, leia, lesse, ler.

A ênfase, o vigor da expressão, frequentemente querem o sujeito expresso.

Dessa forma, o gramático deixa explícito que, por haver na língua a desinência verbal relativa a cada uma das pessoas pronominais, é normal que haja elipse, ou, em outros termos, expressão do sujeito pronominal não preenchida, tendo como motivadores a ênfase e a ambiguidade.

Rocha Lima utiliza o termo “evitar” ao tratar a ambiguidade, – “evite-se a ambiguidade pela expressão do sujeito”. Por usar essa palavra, o autor aparenta “autorizar” ou “aconselhar” que a expressão do sujeito seja preenchida apenas

em contextos considerados ambíguos, que se restringem a alguns tempos e modos verbais.

O autor acrescenta que o preenchimento do sujeito também pode ocorrer em contextos em que haja necessidade de ênfase ao sujeito. Entretanto, não há exemplos que possam esclarecer quais contextos de uso da língua seriam considerados enfáticos.

Evanildo Bechara (2009, p.592), ao tratar o mesmo fenômeno, afirma que:

[...] Não se há de se considerar elipse a omissão do sujeito léxico já que ele está indicado na desinência verbal, o sujeito gramatical. A necessidade de explicitação do sujeito gramatical mediante um sujeito explícito é ditada pelo texto; a rigor, portanto, não se trata da “elipse” do sujeito, mas do “acrécimo” de expressão que identifique ou explicita a que se refere o sujeito gramatical indicado na desinência do verbo finito ou flexionado. Em português, salvo nos casos de ênfase ou contraste, não se explicita o sujeito gramatical mediante os pronomes de 1ª e 2ª pessoas do singular e do plural.

Bechara, ao tratar da expressão do sujeito pronominal, usa os termos como “não se há de”, mais uma vez uma forma de “aconselhar” a não se fazer algo. Também para este autor, apenas os contextos de ênfase do sujeito ou de contraste seriam os que possibilitariam o uso do sujeito pronominal expresso.

Trazemos, também, as considerações de Cunha & Cintra (2001):

Emprega-se o pronome sujeito: a) quando se deseja, enfaticamente, chamar a atenção para a pessoa do sujeito: [...] b) para opor duas pessoas diferentes [...] c) quando a forma verbal é comum à 1ª e à 3ª pessoa do singular e, por isso, se torna necessário evitar o equívoco. (p. 282\ 283)

Cunha & Cintra também ressaltam a necessidade de expressão preenchida apenas em algumas situações específicas, sejam elas de ênfase, de contraste ou para se evitar ambiguidade.

De maneira geral, a tradição gramatical sinaliza que a expressão do sujeito pronominal deve ocorrer em contextos específicos: (1) para evitar ambiguidade quando a primeira e a terceira pessoas não se diferenciam pelas desinências verbais – caso de verbos do pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do



indicativo e dos verbos no subjuntivo; (2) para opor pessoas do discurso; (3) para dar ênfase. Entretanto, não explicitam, por exemplo, o que é ênfase ou como podemos saber se um elemento é enfático. Dessa forma, há um espaço vago para o leitor, fato a ser discutido no próximo tópico.

#### 1.1.1.1. Expressão do sujeito pronominal: a visão da sociolinguística sobre a descrição do sujeito pronominal na tradição gramatical

Segundo Paredes Silva (1988), a tradição gramatical tem deixado de lado explicações que são de suma importância para entendermos e fazermos análises de fenômenos linguísticos. Com foco na expressão do sujeito pronominal, a autora observa que as gramáticas, ao tratarem do fenômeno, dão atenção especial para dois condicionantes: ambiguidade e ênfase. Entretanto, como menciona Paredes Silva, “[...] não há nessas gramáticas qualquer tentativa de definir claramente o conceito de ênfase, pressuposto como já do conhecimento do leitor” (p. 197).

Outro ponto a se observar é que o português brasileiro é representado nessas gramáticas com base nos livros literários escritos nos séculos XIX e XX. Entretanto, devemos considerar que a língua, assim como a natureza e a história, muda constantemente e sofre influências, internas e externas. Dessa forma, há necessidade de se atualizarem os exemplos e os gêneros utilizados nas gramáticas.

Posto isso, é necessário, quando se objetiva descrever uma língua, estudá-la de maneira fiel, observando todos os aspectos que a formam, descrevendo-a como é utilizada de fato. Observamos, entretanto, que a tradição gramatical não tem atualizado, por exemplo, o sistema pronominal da língua portuguesa. Dessa forma, mal tem reconhecido as formas *a gente*, *você* e *vocês*, que sofreram gramaticalização, como pronomes. (Cf. LOPES, 2012, p. 117). Por outro lado, mantém o pronome *vós*, que, conforme discutido por Lopes (2012), praticamente não faz parte do sistema pronominal hoje vigente, estando restrito a situações eclesiásticas ou jurídicas.

Com o intuito de discutir e apresentar as mudanças ocorridas na língua portuguesa, surgem outros tipos de gramáticas, que procuram um enlace entre as pesquisas feitas na área da linguística, com base em dados reais, e a descrição da gramática do português brasileiro (doravante PB). Posto isso, voltamo-nos às abordagens dessas novas gramáticas do PB acerca do sujeito pronominal.

### **1.1.2. Expressão do sujeito pronominal: a visão das novas gramáticas do português brasileiro**

Ataliba de Castilho (2010, p. 293), ao descrever o uso do sujeito pronominal no PB, separa um subtópico especial para “sujeito e categoria vazia”. Baseia-se nos trabalhos de linguistas renomados que estudaram o tema, entre eles Duarte, Tarallo e Kato. Castilho, ao tratar a questão do sujeito pronominal, afirma:

Observando o PB nos quadros de uma comparação intersistêmica, alguns pesquisadores têm notado que essa língua se inclui entre as de parâmetro “pro-drop”, distinguindo-se de línguas que não “deixam cair” argumentos sentenciais. E mesmo comparando-se o PB com o PE, tem-se notado que a ocorrência da categoria vazia não é a mesma nessas duas variedades: no Brasil preenche-se mais a posição do sujeito que a de objeto direto, enquanto em Portugal a relação seria inversa. (CASTILHO, 2010, p. 293).

A partir dessas ponderações, menciona, norteador em Duarte, como a característica pro-drop do PB tem mudado, uma vez que a inserção de *você* que substitui *tu*, de *vocês* que substitui *vós* e de *a gente* que substitui *nós*, tem “empobrecido” a morfologia verbal e, portanto, feito com que o PB deixe de ser uma língua pro-drop, ou seja, uma língua que não necessita de expressão preenchida, pois a marca flexional do verbo não é mais suficiente para expressar qual é a pessoa pronominal em questão. É o que podemos notar na afirmação abaixo:

Duarte (1993) descreve o impacto dessa morfologia empobrecida sobre a prática bem documentada do sujeito nulo. Ela examina peças teatrais de escritores brasileiros, dos séculos XIX e XX, achando os seguintes valores: 80% em 1845, 78% em 1882, 75% em 1918, data a partir da qual cai drasticamente o percentual até atingir, em 1992, menos de 30%. Essa queda é mais rápida na primeira e na segunda pessoas, e menos acentuada na terceira pessoa [...] Esses resultados mostram que a categoria funcional de concordância já não identifica mais o sujeito no PB, donde seu progressivo preenchimento. Com isso, o PB vai deixando de ser uma língua em que os argumentos são omissíveis. O sujeito omissível “resiste” nos seguintes ambientes: (i) Na primeira pessoa do singular [...] (ii) Na mesma pessoa, em orações subordinadas [...] (...) Na segunda pessoa, nas interrogativas (p. 293-294).

Finalizando o tópico, Castilho pontua, de acordo com Kato et. al (1996), que, para se investigar a questão do sujeito nulo, é preciso ir além da explicação do empobrecimento da morfologia verbal. Destaca que, para a obtenção de explicações mais profícuas, é necessário averiguar os fatores para fora da gramática e para o interior da semântica.

Marcos Bagno (2013, p.141-146), em sua gramática do PB, ao tratar do sujeito pronominal, ressalta, semelhantemente a Castilho, que houve uma mudança do paradigma pronominal do PB e, por conseguinte, há um maior preenchimento do sujeito pronominal. O autor denomina esse processo como “a vitória do sujeito pleno”.

Postas a visão de duas novas gramáticas e suas ponderações, nos encaminhamos, então, aos estudos sociolinguísticos realizados sobre a expressão do sujeito pronominal nos próximos tópicos.

## 1.2. ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS SOBRE A EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL

Como os estudos sociolinguísticos têm trabalhado com a expressão do sujeito pronominal na escrita? Em seus resultados, quais condicionadores linguísticos e extralinguísticos influenciam a expressão preenchida do sujeito? Como podemos utilizar essas pesquisas como base?

Há diferentes formas para se estudar um fenômeno linguístico, entre elas a perspectiva sociofuncionalista, que, grosso modo, é uma junção da Sociolinguística Variacionista com o Funcionalismo Norte-americano. Outra visão é a Sociolinguística Paramétrica, que nasce da união entre a Teoria de Princípios e Parâmetros e a Sociolinguística Variacionista. (Cf. CAMACHO, 2013, p.156- 161, Duarte, 2016, p.33-44). Entre diversos estudos, com base na primeira vertente, destacamos a pesquisa de Paredes Silva (1988), baseada em uma amostra de cartas pessoais. Seguindo a linha da Sociolinguística Paramétrica, destacamos o trabalho de Duarte (1993), com base na escrita teatral. Essas pesquisas investigaram a expressão do sujeito pronominal em diferentes amostras cariocas e serão apresentadas no próximo tópico.

No Espírito Santo houve também um estudo realizado por Breda (2016) sobre a expressão do sujeito pronominal, tendo o foco na escrita jornalística capixaba. Esse trabalho também será mostrado a seguir. Antes de iniciarmos a explanação dos estudos mencionados, apresentamos uma pesquisa pioneira a respeito desse fenômeno linguístico no Brasil, de autoria de Solange de A. Lira (1988).

### 1.2.1. Solange Lira (1988)

Lira (1988) compara o português falado e o português escrito no Brasil. Para tal, utiliza um *corpus* de cartas familiares, redigidas por quatro mulheres à pesquisadora, e uma amostra de língua falada, composta por entrevistas com cinco mulheres naturais do Rio de Janeiro, conhecidas da pesquisadora e pertencentes à classe média alta. Os fatores analisados nesse artigo foram a referência específica ou generalizada do sujeito, os tipos de oração, a informação nova e não nova e se os referentes eram iguais ou diferentes dos da oração anterior.

Quanto aos resultados gerais, a autora menciona que o esperado era por uma maior frequência de sujeito na modalidade falada, pois na modalidade escrita o sujeito é mais referente no texto. Seus resultados ratificam sua hipótese inicial, havendo, então, com maior frequência o sujeito explícito na modalidade falada. (LIRA, 1988, p.33)

Postos os resultados gerais, a autora analisa no *corpus* se a referência do sujeito é específica ou generalizada, conceitos explicitados abaixo:

A categoria de pessoa é claramente definível com referência à noção dos papéis dos participantes no processo de comunicação. [...] Um outro tipo de referência examinada foi a referência generalizada (impessoal). Os pronomes que a têm significam 'qualquer indivíduo humano', 'uma pessoa não específica', 'as autoridades' ou 'um grupo particular de indivíduos que o falante deseja identificar-se' (LIRA, 1988, p.34)

Segundo a autora, sujeitos de primeira e de segunda pessoa favorecem maior incidência de sujeito nulo, uma vez que estão claramente implícitos no contexto situacional. Para mostrar seus resultados, separa as pessoas gramaticais da seguinte maneira:

- 1ª pessoa- eu, você, a gente, nós;
- 2ª pessoa- você, vocês;
- 3ª pessoa- ele, ela, eles, elas;

- Generalizada- vocês, a gente e eles.

Lira constata que o sujeito pronominal explícito que teve maior frequência foi o de segunda pessoa, tanto na escrita quanto na fala. De acordo com a pesquisadora, a ambiguidade potencial entre a segunda e a terceira pessoas, causada pelo uso do paradigma verbal de terceira pessoa, faz com que haja maior incidência de pronomes de segunda pessoa. Diferentemente da hipótese inicial, a primeira pessoa favoreceu a expressão preenchida do pronome na fala. Entretanto, na escrita, houve uma frequência baixa desse pronome expresso. Para Lira, o maior uso de expressão preenchida de sujeito pronominal na fala se deu por conta do caráter egocêntrico do discurso, fazendo com que a expressão seja mais frequente do que necessária para a compreensão do discurso. (LIRA, 1988, p. 36).

Lira postula que o tipo de oração é importante para a presença do sujeito pronominal. Classifica, então, as orações do seguinte modo:

- Independentes: são orações que podem ocorrer sozinhas, sem precisar ter algum tipo de relação sintática com as demais orações;
- Principais;
- Subordinadas: adverbiais, substantivas, relativas;
- Coordenadas: tipo 1 e tipo 2, sendo a tipo um relacionada ao exemplo “eu panhava plantas no jardim” e o tipo dois “e guardava”.

Segundo a autora, apenas as orações coordenadas do tipo 2 inibiram o sujeito pronominal explícito, tanto na modalidade escrita quanto na falada.

Passando para a variável informação nova ou não nova, fator relacionado ao *status* informacional do discurso, o referente novo (informação nova) é aquele não mencionado anteriormente no discurso. Já a informação não nova foi aquela que já havia aparecido anteriormente. A autora tinha por hipótese que “os referentes novos e os referentes mencionados há mais de 3 orações fossem os que favorecessem os sujeitos pronominais” (LIRA, 1988, p.38). Para tanto, separa em sua tabela os fatores como: novo, 1 oração, 2 orações, 3 ou mais orações. Verificou que, quando o sujeito era novo, desfavorecia o uso do sujeito por meio do pronome pleno.

Por fim, Lira analisa se os referentes eram iguais ou diferentes. Sua hipótese era a de que quando os referentes fossem iguais haveria menos sujeito pronominal. Seus resultados ratificam a hipótese inicial: tanto na fala quanto na escrita, referentes iguais inibem a expressão preenchida do sujeito pronominal e referentes diferentes favorecem a expressão nula do sujeito.

### **1.2.2. Vera Lúcia Paredes Silva (1988)**

Paredes Silva (1988), ao analisar a variação da expressão do sujeito pronominal em cartas pessoais cariocas, trata de maneira isolada cada pessoa do discurso, uma vez que a “alternância não está sujeita, de uma forma regular, aos mesmos condicionamentos nas três pessoas” (PAREDES SILVA, 1988, p. 113). Justifica, ainda, que na 1ª e 2ª pessoas há uma variação binária, podendo ocorrer ora a expressão do sujeito com presença de pronome, ora a expressão não preenchida do sujeito nulo, caso que não ocorre na 3ª pessoa, uma vez que há mais variantes em jogo: a alternância de sintagma nominal pleno, o pronome e o sujeito nulo. Baseada em Benveniste (1985), Paredes Silva também argumenta que a primeira e a segunda pessoas são participantes ativas do discurso, enquanto a terceira pessoa está fora do eixo de falante/ ouvinte, sendo, portanto, considerada uma não-pessoa.

Postas as observações voltadas à sua análise quanto às pessoas do discurso, trazemos também sua justificativa por uma abordagem baseada em condicionamentos discursivos, de caráter funcional. A autora contrapõe sua perspectiva teórica-metodológica às outras voltadas para aspectos mais internos da língua, como os ancorados em condicionamentos morfológicos ou sintáticos, conforme podemos observar no trecho abaixo:

Se os estudiosos de outras tendências têm classificado o português como língua de sujeito vazio (pro-drop), é porque sempre o têm examinado do ponto de vista morfológico, em termos dos paradigmas de flexão do verbo, ou de um ponto de vista sintático, em que no máximo são observadas relações de correferência em orações vizinhas. Com base em evidências desse tipo, que tomam as formas fora do discurso, poderemos ser levados, de fato, a concluir que o português é uma língua que permite opcionalmente usar-se o sujeito ou não.

Entretanto, considerando-se o uso real dos falantes e o “empobrecimento” das marcas flexionais, vamos encontrar justificativas mais apropriadas para classificar o português como língua que permite o sujeito vazio em características provenientes do discurso. Isto é, a ausência do sujeito da frase tem nos condicionamentos discursivos sua justificativa mais forte. (PAREDES SILVA, 1988, p.296).

Paredes Silva analisa em sua tese 70 cartas pessoais, escritas por quarenta e duas pessoas, sendo 18 do sexo masculino (metade adulto, metade jovem), 24 do sexo feminino (12 jovens e 12 adultos), escritas no período entre 1979 e 1984. As cartas tinham no mínimo duas páginas e no máximo sete e eram escritas por missivistas que tinham grau de escolaridade elevado.

Em seus resultados gerais, verifica para a 1ª pessoa 77% de expressão não preenchida do sujeito, para a 2ª pessoa, 30% e para a 3ª pessoa, 50%.

Das variáveis sociais analisadas, mencionadas anteriormente, somente o fator idade foi relevante nas ocorrências de 1ª pessoa: os mais jovens fizeram mais uso de preenchimento da expressão do sujeito por meio do pronome.

Voltando-se às variáveis apontadas pela tradição gramatical, a ênfase é uma forte condicionadora para a 1ª e 2ª pessoas. A ambiguidade é um fator analisado de forma diferente para 1ª pessoa vs 2ª e 3ª. Na primeira pessoa, a ambiguidade poderia ocorrer de três modos: ausência de ambiguidade, ambiguidade estritamente morfológica (resolvida no contexto) e ambiguidade morfológica e contextual. Já a ambiguidade na 2ª e 3ª pessoas foi analisada de maneira binária, podendo ocorrer ambiguidade estritamente morfológica (resolvida no contexto) e ambiguidade morfológica e contextual, uma vez que a segunda pessoa e a terceira eram ambíguas morfolologicamente. Essa proposição se baseia no fato de Paredes Silva (1988, p.132) ter verificado, primeiramente, que a ocorrência do pronome *tu* era bastante rara, havendo nítida preferência por *você*:



Em nosso corpus de informantes cariocas, o tratamento usado para o destinatário é sempre você, mesmo quando há diferença de idade para o emissor [...] Há apenas dois homens (um jovem e um adulto) que mesclaram ao tratamento você algumas ocorrências de tu (ou flexão verbal correspondente): um deles, na ocasião, estava na França, onde, é sabido, tratam-se os íntimos por tu; o outro (o jovem) utiliza aquela forma num único contexto que pode ser considerado de grande envolvimento emocional.

É importante destacar que os casos do pronome *vocês* foram desconsiderados por terem sido poucos dados, totalizando apenas 32, e, também, por

[...] esses dados se concentravam em três informantes (66% do total), estando os 34% restantes dispersos pelo corpus. Ocorre que as cartas daqueles três emissores eram, desde o cabeçalho, dirigidas a mais de uma pessoa, o que acabou por promover a omissão do sujeito de 2ª pessoa do plural mais do que quando ele se introduzia incidentalmente na carta dirigida a um destinatário único. Em vista dessas características que enviesavam os resultados, e do pequeno número de casos, optei por excluí-los do cálculo final de probabilidades. (PAREDES SILVA, 1988, p.211).

Posto isso, Paredes Silva constata que a ambiguidade se mostrou um fator importante para a expressão preenchida do sujeito pronominal em todas as pessoas: quando o contexto era ambíguo, usava-se mais expressão do sujeito preenchido.

Diferentemente das análises anteriores, Paredes Silva não se atém apenas à mudança de referência, mas implementa uma variável inovadora: a conexão discursiva. Segundo a autora, as análises baseadas na mudança de referência se ancoram em uma variável binária, ao passo que a conexão discursiva apresenta um *continuum*, cujo foco é acompanhar o percurso do referente no texto: numa das pontas está a conexão ótima e, na outra ponta, a mudança de assunto ou tópico discursivo. Paredes Silva verifica que há uma tendência para o maior uso de omissão de sujeito, conforme há o estreitamento da conexão discursiva, no caso, quando há um elo maior “entre um referente na função de sujeito e sua menção prévia” (p.291).

Outra variável relevante é o tipo de oração. A autora constatou que nas cartas pessoais analisadas tal fator é significativo apenas para a 1ª e 2ª pessoas. Quanto à primeira pessoa, há forte condicionamento à omissão de expressão

preenchida de sujeito em orações principais e em posição inicial. Quanto à segunda pessoa, há grande omissão de expressão preenchida de sujeito em orações interrogativas, adverbiais em prótase (Cf. PAREDES SILVA, p.292).

A distância do referente foi selecionada para a 1ª e 3ª pessoa. Na 1ª pessoa, a menção inicial apresenta taxas mais altas de ausência de pronome, ao passo que, na 3ª pessoa, quanto mais distante a menção do referente, menores são as chances de o sujeito ocorrer através da anáfora zero. Outro ponto a destacar é que para a 3ª pessoa, quando a menção era inicial, o uso de SN era quase categórico.

O paralelismo é um fator que aponta para a repetição de formas, isto é, a omissão da expressão do sujeito acarreta omissão posteriormente. Por outro turno, quando há expressão preenchida anteriormente, também há expressão preenchida posteriormente. Foi constatado que tal fator teve influência sobre a 1ª pessoa e a 3ª pessoa. Na primeira pessoa a expressão do pronome *eu* favorece a repetição de outro *eu*, ao passo que o sujeito pronominal zero acarreta sujeito pronominal zero (Cf. PAREDES SILVA, 1988, p.194). Na terceira pessoa, também a anáfora zero desencadeia uma anáfora zero, enquanto um pronome desencadeia outro pronome. Entretanto, apesar de o sintagma nominal ser sempre frequente na primeira menção, não desencadeia outro sintagma.

O número gramatical, singular ou plural, foi um fator significativo apenas para a 1ª pessoa, posto que há diferença muito nítida entre o plural e o singular. Cumpre destacar que a marca morfológica de 1ª pessoa do plural, diferentemente do singular, não apresenta ambiguidade morfológica. Assim, o plural favoreceu mais a ausência, com 84%, do que o singular, que teve 76%.

Por fim, a autora, ao analisar a animacidade, variável relativa apenas à terceira pessoa, verifica que os referentes inanimados tenderam a uma maior taxa de anáfora zero do que os referentes animados.

Orientada por outra perspectiva de análise, Duarte (1993) traz importantes contribuições e será foco da próxima seção.

### 1.2.3. Maria Eugênia Lamoglia Duarte (1993)

Duarte, diferentemente de Paredes Silva, analisa o sujeito pronominal sob a perspectiva da Teoria de Princípios e Parâmetros, teoria essa de abordagem formalista. De acordo com os postulados dessa teoria, há princípios universais, como a existência de sujeitos em todas as línguas, e parâmetros que a diferenciam, como o do sujeito nulo (*pro-drop*). Segundo Duarte, o PB seria uma língua que, diferentemente do PE, vem perdendo esse parâmetro, uma vez que, com a inserção de formas nominais como pronomes de 1ª pessoa do plural (*a gente*) e 2ª pessoa (*você/vocês*), a marca morfológica do verbo, que anteriormente permitia a identificação do sujeito, não é mais suficiente para marcá-lo. Portanto, o PB passa a preencher cada vez mais o sujeito pronominal. Diante disso, Duarte (1993), com base na Teoria de Princípios e Parâmetros e na metodologia da Sociolinguística Variacionista, se propõe a

[...] observar a evolução na expressão do sujeito pronominal no português do Brasil, buscando evidências que atestem ou não a relação entre a crescente preferência pelo sujeito pronominal pleno e a redução nos paradigmas flexionais. (DUARTE, 1993, p.107).

Baseando-se na perda do parâmetro *pro-drop* (“evite pronome”), Chomsky (1981) diferenciava diversas línguas, utilizando, também, o parâmetro de concordância, nomeado AGR.

Huang (1984), ao analisar o chinês, discute o postulado de Chomsky acerca do parâmetro do sujeito nulo, mais especialmente quanto à argumentação de que a riqueza flexional ser, ao lado da concordância, o principal motivador da ocorrência de sujeito nulo, uma vez que, conforme Huang, o chinês é uma língua que não possui um paradigma verbal com flexão, mas apresenta sujeito nulo. Ainda de acordo com o exposto por Duarte (1995), a partir das discussões propostas por Huang, há o surgimento de novas hipóteses sobre o licenciamento e a identificação do sujeito nulo.

Duarte apresenta a nova configuração dos paradigmas nominais e flexionais do PB, conforme podemos verificar no quadro abaixo. No entanto, é válido ressaltar

que a autora mostra apenas o presente, deixando de lado os demais tempos e modos em sua explicação.

Quadro 1- Quadro dos paradigmas nominais e flexionais do PB

<b>Pessoa</b>	<b>Núm.</b>	<b>Paradigma 1</b>	<b>Paradigma 2</b>	<b>Paradigma 3</b>
<b>1ª</b>	Sing.	Cant-o	Cant-o	Cant-o
<b>2ª direta</b>	Sing.	Canta-s	_____	_____
<b>2ª indireta</b>	Sing.	Cant-0	Canta-0	Canta-0
<b>3ª</b>	Sing.	Cant-0	Canta-0	Canta-0
<b>1ª</b>	Plur.	Canta-mos	Canta-mos	Canta-0
<b>2ª direta</b>	Plur.	Canta-is	_____	_____
<b>2ª indireta</b>	Plur.	Canta-m	Canta-m	Canta-m
<b>3ª</b>	Plur.	Canta-m	Canta-m	Canta-m

Fonte: Duarte, 1993, p.109. Duarte, 1995, p. 32.

Explica-nos que:

[...] o português do Brasil evoluiu de um sistema com seis formas distintas, mais dois sincretismos- representados pela segunda pessoa indireta, que utiliza as formas verbais de terceira pessoa (Paradigma 1) - para um paradigma que apresenta quatro formas, graças à perda da segunda pessoa direta (Paradigma 2). Este paradigma, restrito hoje à língua escrita à fala de uma geração situada numa faixa etária mais alta, coexistente com um terceiro, em que se veem apenas três formas, em consequência da perda do pronome de primeira pessoa do plural nós, substituído na fala dos jovens e cada vez mais popular entre os falantes de faixas etárias mais altas, pela expressão a gente, que se combina com formas verbais de terceira pessoa do singular (Paradigma 3) [...] Ora, com um paradigma de tal forma empobrecido ou enfraquecido, nada mais natural do que esperar alterações profundas na representação do sujeito pronominal.(DUARTE, 1993, p. 110)

Postas essas observações, Duarte analisa, então, o sujeito nulo em peças teatrais cariocas de cunho popular, escritas de 1845 a 1992.

A pesquisadora observa, então, as influências dos seguintes condicionadores sobre o sujeito nulo: época em que a peça foi escrita; as pessoas gramaticais; o traço sintático de número e pessoa em relação ao traço semântico designado

(pessoa do discurso); o tempo e a forma verbal (simples ou composta); a presença de elementos antes do sujeito ou entre o sujeito e o verbo; o tipo sintático da oração; a existência de correferência entre o sujeito da principal e o da subordinada; a função do referente do sujeito de 3ª pessoa.

Em seus resultados, quanto à época, observa que a partir de 1918 há uma queda da preferência pelo sujeito nulo. Quanto aos paradigmas mencionados na tabela acima exposta, Duarte (1993, p. 112) nota que:

Durante os três primeiros períodos, está em funcionamento o paradigma 1. Este mesmo paradigma, ainda em vigor no PE, é responsável pela opção pelo sujeito nulo em todas as pessoas na língua coloquial. Nos três períodos seguintes, cai o uso da 2ª pessoa direta, entrando em vigor o Paradigma 2, que, no último período, coexiste com o Paradigma 3.

Quanto às pessoas gramaticais, Duarte, ao analisá-las, separa-as e as correlaciona com as sincronias em que ocorrem. Ao tratar da 1ª pessoa, faz uma junção de singular e plural em virtude de haver poucos casos.

Em seus resultados, diferentemente do esperado<sup>1</sup>, verifica uma queda no uso do sujeito nulo, sobretudo a partir de 1918. Entretanto, Duarte (1993, p. 114) ressalva que

O fato de a 1ª pessoa, tanto no plural quanto no singular, ser a única que mantém desinências exclusivas do Paradigma 2- usado no texto de 1975- não é suficiente para favorecer o sujeito nulo, o que, sem dúvida, corrobora a tese de Roberts, segundo a qual quatro formas distintivas comprometem definitivamente a riqueza funcional de um paradigma flexional.

É importante ressaltar que há apenas 10 casos de primeira pessoa do plural analisados em 1992, sendo todos pronominais, ou seja, nenhum nulo. Houve três casos do pronome *nós* e sete do pronome *a gente*.

---

<sup>1</sup> Devido à marca flexional do verbo, tanto da 1ª pessoa do singular quanto da 1ª pessoa do plural, observada por meio da tabela exposta anteriormente, Duarte esperava encontrar uma certa linearidade ou pouca queda nas sincronias analisadas, apesar da inserção de *a gente* ao sistema pronominal.

Voltando-se à análise da segunda pessoa, Duarte separa a segunda pessoa em segunda pessoa direta (*tu* e *vós*) e segunda pessoa indireta (*você* e *vocês*).

Em seus resultados, verifica uma queda significativa de sujeito nulo da segunda pessoa indireta de 1845 para 1992. Além disso, observa uma queda brusca de sujeito nulo de 69% em 1918 para 25% em 1937, queda que está relacionada à perda da 2ª pessoa direta (*tu*). Ao notar a drástica queda, a autora procura textos da mesma época, porém escritos por outros escritores, com objetivo em verificar se, de fato, o Paradigma 1 havia sido abandonado e o Paradigma 2 havia sobressaído. Com essa investigação, verifica que havia, na verdade, uma interferência do paradigma 2 no uso do paradigma 1, além de uma mescla nas formas de tratamento.

A autora observa que a terceira pessoa é a única que parece não ter sido afetada pela redução dos paradigmas, tendo um comportamento estável nas sincronias analisadas. Segundo a autora, essa estabilidade da terceira pessoa, se comparada com a 1ª e 2ª pessoa.

[...] atesta a hipótese da perda da funcionalidade de AGR, que já debilitado, não pode, por si só, identificar *pro*, a menos que algum elemento externo, como o TEMA, no caso da 3ª pessoa, venha reforça-lo, tornando sua identificação possível. (DUARTE, 1993, p. 119)

Após essa observação, a linguista analisa apenas a terceira pessoa do singular. Constata, nessa investigação, uma queda de sujeito nulo de 1845 para 1882: entre 1882 e 1937, encontra um aumento significativo de sujeito nulo e daí em diante, perda do sujeito nulo.

Buscando uma análise mais apurada dos casos da terceira pessoa gramatical, separa-os em casos de referentes esperados (quando o nome pleno é o tema da sentença) e referentes não esperados (quando o nome pleno não é o tema da sentença). Constata que em 1918 há uma tendência forte do uso do sujeito nulo, até mesmo em referentes não esperados. Somente a partir de 1955 há o aumento do uso de pronome no lugar do nulo em referentes esperados.

A partir dessa análise, Duarte demonstrou os contextos de resistência do sujeito nulo. Para a 1ª pessoa, os sujeitos nulos tendem a ser usados em orações independentes com verbos simples no presente ou no passado, normalmente precedidos por uma negação ou por uma locução verbal; em estruturas com correferência, tanto na subordinada quanto na principal.

Os sujeitos relativos à 2ª pessoa tendem a ser usados em orações interrogativas; orações com o verbo precisar na forma negativa; e as subordinadas condicionais antepostas à matriz.

Por fim, Duarte compara<sup>2</sup> a escrita de uma da peça de 1992 com a gravação da peça encenada, com a finalidade de verificar em quais dos dois contextos havia maior uso de sujeito nulo. Constata que, de maneira geral, há diminuição do uso de sujeito nulo representada na escrita para a representada na fala, sendo, portanto, a escrita mais favorecedora de sujeito nulo. Na 1ª pessoa, houve uma queda de 10% de sujeito nulo; na segunda pessoa, apenas duas orações interrogativas ganharam sujeito pleno e, na 3ª pessoa, há uma queda de sujeito nulo correspondendo a 13%.

#### **1.2.4. Vera Lúcia Paredes Silva (2007)**

Paredes Silva analisa a manutenção de uma referência, na função de sujeito, na fala e na escrita. A amostra de língua falada faz parte das entrevistas do Projeto PEUL-UFRJ, realizadas em dois momentos distintos - décadas de 1980 e 2000 -, com o objetivo de possibilitar o estudo de mudanças em tempo real de curta duração. É importante destacar que essas entrevistas têm característica bem diversa de uma conversa espontânea, já que se trata de um tipo de interação assimétrica, em que o entrevistador estimula o entrevistado a falar o mais espontaneamente possível. Quanto à língua escrita informal, a autora utiliza 70

---

<sup>2</sup> Salientamos que a comparação de língua falada e de língua escrita feita por Duarte (1993) se difere de maneira significativa das feitas por Lira (1988) e Paredes (2007), uma vez que Duarte trata do mesmo gênero discursivo, ou seja, peça teatral, só que em duas modalidades diferentes: encenada e escrita. A diferença de escrita e fala, nesse caso, pode ser considerada, portanto, menor do que nos outros estudos.

cartas pessoais escritas no início da década de 80<sup>3</sup>. Já a língua escrita semi-formal é extraída de jornais cariocas dos anos 2000, mais especificamente, pertencentes aos gêneros crônicas, notícias e artigos de opinião.

Ao abordar fala e escrita, a autora salienta que, diferentemente de alguns estudos, não pretende comparar “a fala informal ou semi-informal, geralmente representada pela conversa, à escrita formal, acadêmica” (PAREDES SILVA, 2007, p.159). Para a pesquisadora, é necessário que se incluam as diversas situações discursivas para que se observem os gêneros do discurso que estão presentes num *continuum* estilístico cujos pólos são a fala informal e a escrita formal.

A autora analisa nesse material a manutenção de uma referência, que pode ocorrer sob três formas: anáfora zero, pronome, sintagma nominal. Em seus resultados quanto ao sujeito expresso por pronome de 3ª pessoa, Paredes Silva verifica que as entrevistas da década de 1980 foram as que mais tiveram expressão preenchida de sujeito, seguidas pelas entrevistas dos anos 2000, as cartas pessoais, as crônicas, as notícias e os artigos de opinião.

Voltada à análise da retomada pelo sujeito de 3ª pessoa expresso pelo sintagma nominal, Paredes Silva contata seu maior uso nos artigos de opinião, seguido pelas notícias, crônicas, cartas pessoais, entrevistas da década de 80 e, por fim, entrevistas dos anos 2000.

A retomada do sujeito de 3ª pessoa como anáfora zero é mais frequente nas cartas pessoais, seguida pelas entrevistas dos anos 2000, crônicas, entrevistas dos anos 80, artigos de opinião e notícias.

Após a análise geral do *corpus* utilizado, a pesquisadora passa a focalizar somente as duas amostras de língua falada. Constata que há uma preferência pela retomada através do pronome, tanto na amostra dos anos 80, com 50%, quanto na amostra 2000, com 49%; a anáfora zero foi a segunda preferida, tendo 38% de frequência nos anos 80 e 42% nos anos 2000. O uso menos frequente foi o do sintagma nominal, com 12% na amostra 80, e 9% na amostra 2000.

---

<sup>3</sup> Cartas essas tratadas em sua tese, descrita no item anterior desta dissertação.



Ao observar a retomada do sujeito de 3ª pessoa no gênero carta pessoal, o mais informal entre os analisados na escrita, a autora verifica que a frequência de retomada por pronome diminui se comparada com a observada na fala. Constata, dessa forma, que há retomada por pronomes em 33% do total de casos; 17% são retomados pelo sintagma nominal e 50% pela anáfora zero. Sobressai, portanto, a preferência pela retomada através da anáfora zero, diferentemente das entrevistas, cuja preferência é pela retomada por pronomes.

Quanto aos demais gêneros discursivos do domínio jornalístico, Paredes Silva verifica que a escolha mais recorrente é pela retomada através sintagma nominal em todos os gêneros. No entanto, no gênero crônica há uma distribuição mais equilibrada entre anáfora zero e sintagma nominal, diferentemente do que ocorre nas notícias e nos artigos de opinião. É importante se observar que crônicas e notícias se caracterizam por terem sequências narrativas. Essas sequências, segundo a autora, “costumam ter como participantes seres animados, traço semântico fortemente condicionador do uso do pronome em português, tanto na fala como na escrita.” (PAREDES SILVA, 2007, p. 171).

De maneira geral, a retomada pelo sintagma nominal nas cartas pessoais corresponde a 17%, nas crônicas 42%, nas notícias 57%, e nos artigos 60%. A segunda variável mais utilizada é a anáfora zero, tendo 50% nas cartas pessoais, 41% nas crônicas, 27% nas notícias e 28% nos artigos de opinião. (PAREDES SILVA, 2007, p. 169-170)

A autora analisa ainda nos gêneros jornalísticos dois fatores condicionantes que atuam sobre o uso de nomes *versus* pronomes na retomada, são eles: a animacidade e a distância do referente.

A animacidade foi um fator com significância, tendo nos referentes inanimados favorecedores no nome vs pronome em crônicas, notícias, artigo de opinião.

Quanto à distância do referente, a linguista observa se a distância ocorre na mesma oração, na oração anterior, em duas orações, em três orações, em quatro orações, em cinco orações, em seis orações ou em sete ou mais orações. Em seus resultados, verifica uma tendência para utilização maior de referência

nominal conforme a distância em que a menção se afasta da precedente. Ressalta, também, que a retomada do nome pode ocorrer por um sinônimo.

Partindo dos estudos feitos na cidade do Rio de Janeiro, surge no ES, no grupo de pesquisa Portvix, uma pesquisa que se volta ao estudo do sujeito na escrita capixaba. Voltemo-nos a ele na próxima seção.

### 1.2.5. Valdenise Simone Melo Moulin Breda (2016)

Breda (2016), em seu trabalho de conclusão de curso, analisa a expressão do sujeito pronominal em cartas de leitores de um jornal capixaba. A autora analisa 15 exemplares do jornal capixaba *Notícia Agora* do ano de 2016. Neste jornal, que é destinado a um público mais popular, havia, normalmente, duas cartas, conforme Breda (2016, p.17) aponta:

[...] no jornal *Notícia Agora*, o gênero discursivo carta do leitor não se caracteriza por textos opinativos do leitor sobre fatos cotidianos, mas, sim, (...), como espaço de reivindicação de melhorias e, a partir da resposta do jornal e do impacto social criado, as cartas dos leitores do jornal em foco se tornam um serviço de utilidade pública, em que as reclamações dos leitores têm a resposta.

A pesquisadora verificou que a expressão preenchida do sujeito pronominal correspondeu a 45% das ocorrências. Em sua amostra não houve ocorrência do pronome *a gente*, o que mostra, ainda, um certo afastamento que a escrita faz em relação à fala, mesmo em um jornal destinado a uma camada mais popular. É importante ressaltar que Mendonça (2010) e Foeger (2014), ao analisarem a variação *nós/a gente* na fala de Vitória e na área rural de Santa Leopoldina, município serrano capixaba, constataram o predomínio de *a gente*.

Após essa observação, Breda obteve o seguinte resultado quanto ao preenchimento do sujeito pronominal relacionado ao pronome: o pronome que mais teve presença foi o pronome *você*, tendo 100% de presença, em segundo lugar teve o pronome *ele* com presença de 64,3%, os pronomes *nós* e *eles*

tiveram valor semelhante de sujeito pronominal 50,9% e 50% respectivamente, o pronome que mais desfavoreceu o preenchimento do sujeito foi o de primeira pessoa do singular, tendo 29,2% de presença de sujeito pronominal.

Conforme afirmado por Breda, as cartas de leitores do jornal analisado não possuíam um caráter opinativo, sendo apenas solicitações de algum serviço para a comunidade ou denúncias sobre a falta de serviços. Já o jornal, por sua vez, prestava um serviço à comunidade e buscava resolver a situação relatada pelos leitores. Somente após a resolução do problema, a carta do leitor era publicada, havendo, também, a resposta da equipe jornalística.

Ao analisar a primeira pessoa do discurso levando em consideração quem escrevia a carta, Breda verificou que o autor da carta atuava sobre o preenchimento ou não do sujeito pronominal: a equipe jornalística favorecia o preenchimento do sujeito pronominal, ao passo que os leitores o desfavoreciam. Breda sugere, a partir dos resultados, que o maior uso de sujeitos explícitos por parte da equipe jornalística se deva à intenção de o jornal se mostrar parceiro dos leitores e tentar responder aos anseios revelados nas cartas escritas por seus leitores. (BREDÁ, 2016, p. 23)

### 1.3. A MUDANÇA NO SISTEMA PRONOMINAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO- BREVE RETROSPECTIVA

Nesta seção procuramos responder como o processo de gramaticalização influencia um maior preenchimento da expressão do sujeito pronominal no português brasileiro.

Nos estudos linguísticos é dito que o PB passa a preencher cada vez mais o sujeito pronominal, sendo uma das justificativas, segundo Duarte (1993), Lopes & Duarte (2003) e Zilles (2007), a gramaticalização dos sintagmas nominais *a gente*, *você* e *vocês*. Assim, esses sintagmas passaram, ao longo do tempo, a ter propriedade de pronomes pessoais, isto é, passaram a preencher a primeira

pessoa do plural (a gente) e as segundas pessoas (você/vocês), fazendo parte, dessa forma, do sistema pronominal. Entretanto, os pronomes pessoais advindos de sintagmas nominais tinham como paradigma verbal a desinência de terceira pessoa e, mesmo após sua gramaticalização, continuaram com esse paradigma. Portanto, segundo essas autoras, tornou-se necessária que a expressão fosse preenchida para se saber qual pessoa pronominal estava sendo tratada.

A tradição gramatical já apontava a necessidade de uso de sujeitos explícitos para se evitar ambiguidade, como entre a primeira pessoa e a terceira do singular em alguns paradigmas verbais (*eu amava/ele amava*). Além disso, com a inserção de pronomes pessoais advindos de sintagmas nominais, esse uso é ampliado, uma vez que a ausência de pronomes explícitos pode, em tese, causar ambiguidade.

Em nosso *corpus*, houve apenas um caso de *a gente* - “*eu não te disse que o Andarahy fica no fim do mundo? A gente chega a esquecer o lugar onde se destina*”. Nos estágios iniciais do processo de gramaticalização, é possível se observar a atuação do princípio da persistência, que se caracteriza por a forma ainda possuir “alguns traços do significado lexical original de um item tendem a aderir à nova forma gramatical, e detalhes de sua história lexical podem refletir-se na sua distribuição gramatical.” (apud LOPES, 2007, p. 51). No exemplo de nosso *corpus*, observamos que a forma *a gente* mantém parte do significado lexical original por meio da referência genérica, e, mesmo com a inclusão da primeira pessoa, mantém a forma verbal na terceira pessoa. Quanto às ocorrências de *você* e *vocês*, observamos, de maneira geral, que já possuíam característica de pronome, no entanto, ainda há uma disputa entre os dois pronomes de segunda pessoa *tu* e *você*, o que nos remete à necessidade de um estudo mais detalhado que observe com foco o processo de gramaticalização nas cartas de Oswald Guimarães.

Dadas essas observações, ressaltamos que a motriz desta dissertação não foi a de investigar com mais profundidade como o processo de gramaticalização dos sintagmas nominais para os pronomes pessoais influenciou a mudança da característica *pro-drop* do PB e, sim, a de averiguar como os contextos

discursivos, sociais e linguísticos atuaram sobre a expressão do sujeito pronominal nas correspondências pessoais capixabas do século XX. Portanto, não nos aprofundamos na gramaticalização de *a gente*, *você* e *vocês*, mas, sim, buscamos apenas expor brevemente uma retrospectiva da história e mudança do sistema pronominal do PB.

#### 1.4. RECAPITULANDO...

Após as explanações sobre como as gramáticas do PB e os estudos sociolinguísticos abordam o sujeito pronominal e, também, sobre a trajetória da mudança da expressão do sujeito pronominal, pretendemos, agora, colocar em tela como esse recorte bibliográfico nos orientará para a análise que faremos.

Segundo a tradição gramatical, o sujeito pronominal é preenchido em determinados contextos. Pretendemos, a partir disso, estudar tais contextos a fim de comprovar sua atuação no nosso *corpus* e, sobretudo, observar se há diferença de um missivista para outro e do tipo de correspondência. Assim, nesse primeiro momento, avaliaremos os fatores considerados pela tradição gramatical como motivadores para o preenchimento, são eles: ambiguidade e ênfase.

Seguindo as análises sociolinguísticas, utilizaremos como pilar no nosso estudo a pesquisa de Paredes Silva (1988). Dessa forma, ao analisarmos a ambiguidade e a ênfase, esta última pouco detalhada nas gramáticas, seguiremos os critérios dessa autora. Além disso, nos baseamos em outros estudos, que nos proporcionam um olhar mais amplo sobre o fenômeno analisado, podendo servir também para futuras comparações de resultados.

Por fim, os processos de gramaticalização ressaltados possibilitaram que víssemos como os sintagmas nominais passaram a pronomes e como isso pode ser uma explicação para que a expressão do sujeito pronominal pudesse ser mais preenchida ao longo do tempo no PB, diferentemente do que ocorre no PE.

## **CAPÍTULO 2**

### **2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Neste capítulo mostraremos qual teoria utilizamos como base para nossa pesquisa, apresentando seu surgimento através de um resgate histórico das primeiras pesquisas realizadas. Traremos, também, os principais pressupostos teórico-metodológicos que serão utilizados nesta dissertação. Por fim, apresentamos duas seções destinadas à metodologia de análise.

#### **2.1. A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA - BREVE RETROPECTIVA**

Nesta seção procuramos responder às seguintes questões: como surgiu a teoria que usamos como base em nossa pesquisa? Que inovações ela trouxe aos estudos da linguagem? Como podemos utilizá-la em nossa pesquisa? Quais são suas contribuições para nossa análise?

A Teoria da Variação e Mudança Linguística começa a ganhar destaque no campo dos estudos linguísticos na década de 60, rompendo com escolas anteriores do campo da linguística - o estruturalismo e o gerativismo -, que concebiam a língua como uma estrutura homogênea. Estas duas teorias não observavam, portanto, a língua em uso. Dessa forma, a concepção de língua era desvinculada do contexto social e a variação linguística era considerada um caos, isto é, era vista como algo não passível de sistematização e, por conseguinte, não passível de estudo.

Como mencionado anteriormente, a Sociolinguística Variacionista rompe com essas concepções de língua e passa a estudá-la em seu contexto de uso, compreendendo a variação não como aleatória ou caótica, e, portanto, passível de ser sistematizada. Para a Sociolinguística Variacionista, para se fazer tal sistematização é necessário um estudo com uma grande quantidade de dados oriundos do uso cotidiano. Assim, faz-se necessária uma metodologia voltada

para a análise quantitativa dos dados, para que se possam observar com maior precisão as influências internas e externas sobre fenômenos linguísticos variáveis. Portanto, além dos fatores ditos estruturais, a Sociolinguística Variacionista também passa a analisar fatores sociais, como a comunidade de fala, as construções sociais (gênero/sexo, escolaridade, idade, classe social), a época e seu quadro histórico, político e econômico sobre dado fenômeno linguístico. (Cf. LABOV 2008 [1972], p.21).

Outra importante diferença das correntes anteriores com a linha teórica que seguimos é a maneira de se ver a ocorrência da mudança linguística, que, nas escolas anteriores, é vista como abrupta. Já na Sociolinguística, há a perspectiva de que a mudança ocorre de maneira lenta, em que, em um primeiro momento, há a variação entre duas formas - variantes - que disputam espaço e que, posteriormente, uma dessas variantes supera a forma mais antiga e pode, inclusive, vir a ser usada categoricamente. Quando isso ocorre, dizemos que a mudança foi completa. No entanto, pode ocorrer de a mudança não acontecer por completa e continuar, portanto, havendo variação. Por isso, para a sociolinguística, sempre que houver mudança linguística terá havido variação, mas nem toda variação levará à mudança. No tocante a isto, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975], p. 125-126), descrevem a mudança linguística em sete características:

1. A mudança linguística não deve ser identificada com deriva aleatória procedente da variação inerente na fala. A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada.
2. A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas.
3. Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.
4. A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea; ela envolve a covariação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico.
5. As gramáticas em que ocorre a mudança linguística são gramáticas da comunidade de fala. Como as estruturas variáveis contidas na língua são determinadas por funções sociais, os idioletos não oferecem a base para gramáticas autônomas ou internamente consistentes.
6. A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo; não está confinada a etapas discretas dentro da família. Quaisquer descontinuidades encontradas na mudança linguística são os produtos de descontinuidades específicas dentro da comunidade, mais do que os produtos inevitáveis do lapso geracional entre pais e filhos.
7. Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidade que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico.

Alguns dos princípios norteadores da pesquisa Sociolinguística são amplamente discutidos em um congresso ocorrido em 1964 na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, cuja organização foi de William Bright. Pesquisadores de diversas correntes da sociolinguística estiveram presentes nesse congresso, entre eles John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fischer. Trataremos nos próximos parágrafos um pouco mais dos trabalhos de dois desses estudiosos, pioneiros na área: J. Fischer e W. Labov. Mostraremos, assim, suas importantes contribuições para o estudo da linguagem.

Fischer (1974 [1958]) investiga a variação entre *-ing* e *-in* na fala de vinte e quatro crianças da Nova Inglaterra, localizada nos Estados Unidos. Sua amostra é subdividida igualmente em dois grupos de meninos e meninas, grupos estes que são divididos em outros dois grupos: um cuja faixa etária é de 3 a 6 anos e, outro, de 7 a 10 anos. O estudo é feito com base nos seguintes aspectos:



- 1.Registro do teste de apercepção temática verbal (TAT), no qual todas as crianças eram solicitadas a criar estórias que iniciassem com frases curtas elaboradas pelo pesquisador.
2. Respostas a um questionário formal aplicado apenas às crianças mais velhas.
3. Uma entrevista em nível informal solicitando a algumas das crianças mais velhas que relatassem suas atividades recentes. (FISCHER, 1974, p.88).

É importante ressaltar as palavras do pesquisador sobre a variação entre *-ing* e *-in*:

Nesse dialeto, a variação entre *-ing* e *-in* na terminação do particípio não ocorre em palavras com *-in* final átono no registro padrão. Portanto, essa variação é provavelmente melhor tomada como um caso de variação livre entre dois alomorfos que casualmente diferem quanto a um fonema, do que um caso de variação fonológica livre (FISCHER, 1974, p.87).

O linguista, ao investigar a fala de cada uma dessas vinte e quatro crianças, observa que 21 usam as duas formas, ou seja, *-in* e *-ing*, e que três crianças usam somente a forma *-ing*. Fischer constata, ao reanalisar as entrevistas, que essas três crianças foram menos prolixas, e, por isso, talvez, tenham utilizado apenas a forma considerada padrão.

O autor tece críticas a estudos com base na “variação livre” muito utilizados na época e abre um leque de possibilidades para se estudar a variação linguística, mostrando, assim, um novo olhar para se estudar a variação, no qual se observem, além dos aspectos linguísticos, os sociais, que também atuam sobre o falante, fazendo com que use, assim, uma variante em detrimento de outra. Na época, isso foi um fato inovador, e, posteriormente, se tornou um dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista. Nas palavras de Fischer,

“Variação livre” é naturalmente uma denominação e não uma explanação, pois não nos mostra a origem das variantes e nem porque os falantes as usam em proporções divergentes. A variação livre é, antes, um meio de se excluir tais questões da esfera da pesquisa imediata. Historicamente, presumo que se poderia investigar a difusão de uma dessas variantes de um território para outro, através de contatos e migrações. Isso constituiria uma explicação válida para o fato. Entretanto, é possível também explicá-lo em termos de fatores correntes, que levam uma determinada criança em dadas circunstâncias a usar uma das variantes e não a outra; e isto é o que eu gostaria de discutir neste trabalho. (FISCHER, 1974, p.88).

Postos esses fatos, voltamo-nos aos resultados obtidos pelo pesquisador, mais precisamente relacionado ao sexo do falante. É verificado que as meninas têm mais frequências da variante *–ing* do que os meninos, que usaram mais a forma *–in*.

Ao comparar a fala de um menino considerado aluno exemplar pelos professores com a de um aluno considerado típico (aluno considerado mais próximo à média), Fisher verifica que o aluno exemplar usa mais *–ing*, enquanto o aluno típico usa mais *–in*.

Em busca de mais respostas ao uso de *–ing* e *–in* na fala do menino exemplar, o linguista observa sua fala nas três situações comunicativas a que foi exposto. Constata, então, que o garoto muda sua forma de falar a depender da ocasião: usa mais *–ing* no teste de apercepção temática verbal e mais *–in* na entrevista informal.

O estudioso também aponta que o entrevistador pode influenciar o uso de uma ou outra variante, o que mais tarde é retomado nos estudos sociolinguísticos, por uma corrente nova que focaliza um estudo estilístico, mais precisamente o *design* da audiência, cujo pioneiro foi Alan Bell:

Essas três situações não devem ser consideradas exaustivas em relação ao grau de frequência das variantes na fala do menino em questão. Esta afirmativa se deve ao fato de eu mesmo ter usado consistentemente a variante *–in* e ter assim provavelmente influenciado de alguma maneira o comportamento do informante. Talvez em conversação casual com seus colegas a proporção do uso das variantes *–in/ing* seja bem mais alta que na entrevista informal. (FISCHER, 1974, p.91).

Outro condicionamento notado por Fischer (1974 [1958], p.92), utilizado posteriormente em diversos estudos, é que: “[...] a frequência do uso de *-ing* era maior no início da entrevista, diminuindo no final; presumivelmente isto ocorria à medida em que a criança relaxava e se acostumava com a situação”.

Em outras palavras, a pesquisa de Fischer fez com que mais tarde outros estudiosos avaliassem os contextos discursivos, procurando saber em qual ocasião da entrevista o informante está mais acomodado à situação, como o que ocorreu com o estudo de Labov (2001) ao propor a árvore da decisão para mostrar a diferenciação entre estilos em uma mesma entrevista, diferenciação esta baseada na atenção que o falante dá a seu próprio discurso.

Em síntese, essas foram as grandes contribuições de Fischer para a pesquisa Sociolinguística. Posteriormente a esse estudo, na década de 60, Labov (1963)<sup>4</sup> investiga, em sua dissertação, a variação sonora dos ditongos /ay/ e /aw/ na Ilha de Martha's Vineyard (MV), localizada em Massachussetts, Estados Unidos. Labov observa, nesse estudo, as motivações sociais para a mudança sonora, buscando, sobretudo, uma explicação mais ampla acerca da variação e da mudança linguística, valendo-se de uma análise social e estatística.

Labov (2008 [1972]) defende em sua pesquisa que no estudo da mudança linguística temos de observar a sociedade, a cultura e a história, uma vez que esses fatores poderão influenciar o uso da língua. No tocante, salientamos as palavras do autor:

O ponto de vista do presente estudo é o de que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (p.21).

Isto posto, fica evidente que Labov nos reporta que devemos procurar investigar nos estudos linguísticos os condicionantes sociais de uma mudança linguística.

---

<sup>4</sup> Os estudos feitos por Labov em sua dissertação e em sua tese foram, posteriormente, compilados para o livro nomeado *Padrões Sociolinguísticos*. Destacamos que nesse trabalho usaremos como base o texto desse livro, mais precisamente o capítulo 1 e não sua dissertação.

Entretanto, não deixa de lado o foco nas motivações linguísticas e propõe devemos estudar os dois, lado a lado.

Para analisar a variação e mudança dos ditongos (ay) e (aw), o autor mapeia toda a ilha de Martha's Vineyard e todos os grupos sociais nela existentes, observando, assim, a atuação das diferentes etnias dos habitantes da ilha, seu local de residência, suas profissões, o sexo de cada entrevistado e as diferentes faixas etárias. Em sua pesquisa, utiliza os estudos do Lane (Linguistic Atlas of New England) e, também, o fato de a comunidade ser reconhecida pelos linguistas como conservadora em relação ao inglês americano padrão. Nos próximos parágrafos abordaremos as características da ilha, a metodologia de coleta de dados utilizada, para, posteriormente, apresentarmos os resultados obtidos nesse estudo.

A ilha de Martha's Vineyard é uma comunidade separada do continente cerca de cinco quilômetros e é dividida em duas partes: Ilha Baixa, região dos vilarejos, em que vivem três quartos da população; e Ilha Alta, região rural, pouco habitada, tendo lagoas de água salgada, pântanos, casas de veraneios isoladas, algumas fazendas e onde se localiza a população indígena/aborígene.

A população da ilha é composta por descendentes de famílias antigas de origem inglesa, descendentes de portugueses, remanescentes indígenas de Gay Head e miscelânea de várias origens. W. Labov observou, conforme dito acima, os grupos ocupacionais de seus entrevistados: pescadores (14 entrevistados), agricultores (8 entrevistados), trabalhadores do ramo da construção (6 entrevistados), trabalhadores do ramo de serviços (19 entrevistados), trabalhadores liberais (3 entrevistados), donas de casas (5 entrevistados) e estudantes (14 entrevistados).

A coleta de dados se deu por meio de gravações que continham perguntas acerca de juízos de valor (orientação social do entrevistado), questionário lexical, leitura de um texto (especial com alunos de segundo grau, como teste de habilidade de se ler uma história naturalmente), uma entrevista formal e conversas em situações espontâneas (destacamos que estas nem sempre foram gravadas). A amostra de dados é, portanto, formada pelos seguintes estilos

linguísticos: fala espontânea, fala emocionalmente carregada, fala monitorada e estilo de leitura.

Nos resultados gerais, Labov verificou a ocorrência de cerca de 3.500 dados de (ay) e 1.500 de (aw). Constatou que a fala dos vineyardenses em conversas mais expressivas/amigáveis ou mais formais não foram fatores que influenciassem a realização mais ou menos centralizadas dos ditongos. O autor constatou, também, que o ambiente fonético (segmentos anteriores ou posteriores aos ditongos) e fatores prosódicos, especificamente a tonicidade e o tamanho da palavra, também atuavam sobre algumas palavras, que recebiam maior centralização do que sua forma fonética ou prosódica normalmente receberia. Quanto à idade, foi observado que a centralização de (ay) e (aw) aumentou em falantes cuja faixa etária era mais alta, alcançando um pico na faixa de 31 a 45 anos. No tocante, notamos que o estudo é de tempo aparente, uma vez que a análise é feita na própria sincronia, através das faixas etárias. Essa foi uma das contribuições metodológicas da pesquisa, uma vez que anteriormente era entendido que apenas estudos diacrônicos poderiam mostrar mudanças linguísticas.

As influências geográficas foram notáveis: a ilha alta - rural - favoreceu a centralização mais do que as áreas dos vilarejos da ilha baixa. Quanto aos grupos ocupacionais, os resultados apontaram que os pescadores favoreceram mais a centralização e, os agricultores, menos. Já os estudantes secundaristas que tinham alguma característica de pertencimento à ilha tiveram maior centralização do que aqueles não tinham o mesmo sentimento de pertencimento. Quanto ao quadro das tendências étnicas, Labov teve dificuldade para explicá-lo, tendo, então, de "buscar explicações na estrutura social da ilha e nas pressões que motivam as mudanças sociais de Martha's Vineyard." (p. 46). Dessa forma, nos próximos parágrafos elucidaremos um pouco mais acerca das especificidades dos grupos ingleses, portugueses e indígenas e suas correlações com os resultados da centralização.

Por meio das entrevistas e das observações da vivência na ilha, o pesquisador descobriu que os ingleses são moradores que passam por pressões socioeconômicas devido à crescente dependência do turismo de verão, fato este

ameaçador à independência pessoal dos vineyardenses de famílias tradicionais. Em sua pesquisa, Labov constatou que a alta centralização está relacionada à resistência às incursões dos veranistas, sendo os locais de maior resistência os das áreas rurais da ilha alta, especialmente em Chilmark, o único lugar em que a pesca tem, ainda, papel importante na economia. "Os Chilmarkenses são os mais diferentes, independentes e teimosos defensores de seu próprio modo de vida." (p. 48-49).

A partir de seus apontamentos, o pesquisador depreendeu que o grupo inglês, de maneira geral, é resistente às incursões dos veranistas e, por isso, procurava manter sua posição diante de uma redução na economia da constante invasão dos veranistas, o que se refletiu na centralização. Por sua vez, os membros mais jovens consideravam os idosos e os habitantes da parte superior da ilha como grupos de referência, que carregavam consigo a convicção de que a ilha pertencia a eles.

Quanto aos portugueses, os de segunda geração não apresentam a característica vineyardense, porém na fala dos de terceira ou de quarta geração notou-se um aumento da centralização. Entre os mais jovens, há um uso regular da centralização, seja na segunda, terceira ou quarta geração, tendo um índice médio mais alto do que o grupo inglês, por exemplo. Os mais jovens tiveram uma maior centralização por grande parte deles se identificar com a ilha alta e com o modo de vida da ilha, mais do que os ingleses. Seu principal problema é afirmar seu status como vineyardenses nativos. Em suma, buscavam afirmar sua identidade como um ilhéu, já que o número desses em posições conceituadas crescia e não precisavam mais minimizar os efeitos de serem portugueses.

O grupo indígena apresentou centralização bem perto dos pescadores chilmarkenses, ao mesmo tempo em que exibiu uma maior centralização de (aw). Salientamos que, nas entrevistas, esse grupo reclamou a respeito de sua participação na vida da ilha, considerando-se um grupo visto como excluído. Em resumo, os indígenas reclamavam a respeito de sua participação nas decisões sobre a vida na ilha, por isso adotaram muitos valores dos habitantes de Chilmark. Embora quisesse demonstrar sua identidade indígena, esse grupo não

possuía mais recursos linguísticos para isso e seguiria, portanto, a liderança de Chilmark.

Em síntese, os resultados desse estudo de Labov apontaram que a centralização é bastante influenciada a depender da atitude positiva ou negativa que o falante tem a respeito da ilha.

Outro estudo muito importante feito por Labov, dessa vez em sua tese em 1966<sup>5</sup>, foi quanto à estratificação social do /r/ na cidade de Nova Iorque. Nesse estudo, Labov verifica que as variáveis linguísticas estão relacionadas à classe social.

A partir de entrevistas anônimas realizadas em três grandes lojas de Nova Iorque - Saks, Macy's e Klein's -, Labov constatou o uso da vibrante (r) em coda silábica na cidade de Nova York está relacionado às diferenças nas classes sociais. É preciso explicar que essas lojas contrastam entre si por conta do *status* social dos seus clientes: a loja Saks é a que atende a pessoas com maior poder aquisitivo; a Macy's é a loja de nível intermediário e a Klein's é a destinada a pessoas com poder aquisitivo mais baixo, comparada com as demais. Todas as lojas se localizam em Manhattan.

Para caracterizar a diferença entre o público consumidor que frequentava as lojas, Labov se baseou em alguns critérios, um deles foi como os preços são expostos: na Saks não há exposição dos preços e os valores de suas mercadorias são sempre redondos (\$120); na Macy's, os preços são expostos e os valores apresentam alguns centavos de dólar, (por exemplo, \$39,95). Há, ainda, o *slogan*: “você tem mais do que preços baixos”; por último, na Klein's os preços podem ser em números redondos, mas sua principal característica é a exibição do valor anterior dos produtos, sempre mais altos do que os destacados nas etiquetas e placas dos produtos (de 59,95 por 23,00, por exemplo).

A construção das lojas também se diferencia:

---

<sup>5</sup> Os estudos feitos por Labov em sua tese estão compilados no capítulo dois do livro *Padrões Sociolinguísticos*.

As instalações físicas das lojas também servem para diferenciá-las. Saks é a mais espaçosa, sobretudo nos andares superiores, com o mínimo de produtos em exposição. Muitos dos andares são acarpetados e, em alguns deles, uma recepcionista está a postos para orientar o cliente. Kleins, no outro extremo, é um labirinto de anexos, pisos de concreto liso, tetos baixos; exhibe a maior quantidade de produtos ao menor preço possível. (LABOV, 2008 [1972] p. 68).

Labov verifica que o que deve ser avaliado em sua pesquisa é o prestígio social que cada loja confere aos vendedores, uma vez que seus salários não eram muito diferentes. Ressalta que a Macy's, apesar de se destinar a um público alvo de poder aquisitivo intermediário, paga melhor seus funcionários do que a Saks, destinada a um público alvo com poder aquisitivo maior.

A hipótese do autor, então, era de que as taxas de /r/ entre os vendedores nas lojas mencionadas se correlacionaria com o *status* de classe social da clientela de sua loja, ou seja, o vendedor se acomodaria à fala do cliente, independentemente do seu próprio poder aquisitivo, semelhante à proposta que Fischer trazia em 1958.

A metodologia utilizada para testar essa hipótese foi a seguinte:

O entrevistador se aproximava do informante no papel de um cliente que pedia informações sobre um departamento específico. O departamento em questão ficava no quarto andar. Quando o entrevistador perguntava: "Por favor, onde ficam os sapatos femininos?", a resposta geralmente era: 'Fourth floor' ('Quarto andar'). O entrevistador então se inclinava para a frente e dizia: "Como?" Normalmente, ele obtinha outro enunciado: "Fourth floor", pronunciado em estilo monitorado com acento enfatizado. (LABOV, 2008 [1972], p. 70).

Labov verifica, então, que os vendedores que trabalham na Saks têm as maiores taxas de restrição [r], seguidos pelos que trabalham na Macy's e, por fim, a taxa mais baixa da variante de prestígio foi produzida pelos vendedores que trabalham na Kleins.

Assim como mencionamos anteriormente, esses estudos possibilitaram que víssemos de outro modo os estudos da linguagem, maneira essa que utilizamos em nossa pesquisa, ou seja, concebemos que a língua é constituída por variação, que sofre influências sociais, contextuais e linguísticas.



Mas essas definições não surgiram do nada. Por isso, é importante em qualquer tipo de estudo saber a teoria que sustenta a sua metodologia, como ela surgiu, quais são os estudos pioneiros. Isso faz com que o pesquisador saiba quais foram os caminhos percorridos para que o estudo atual pudesse ser realizado. Em outras palavras, é necessário estudarmos o passado para entendermos o presente.

Os estudos realizados abriram um leque de possibilidades para se estudar a variação linguística em diversos tipos de amostras, utilizando fala, escrita, observando as influências das regiões distintas, das sincronias, das situações comunicativas diferenciadas, dos contextos discursivos. Além disso, possibilitaram a conciliação de teorias existentes no campo da linguística para que juntas estudassem a variação, como é o caso do sociofuncionalismo. Este ponto é o que trabalharemos na seção a seguir.

## 2.2. O SOCIOFUNCIONALISMO

Na década de 1980, no Brasil, alguns estudiosos procuraram conciliar duas linhas teóricas que tinham semelhanças: o Funcionalismo Norte-americano e a Sociolinguística Variacionista. Neves (1999, p.75), ao tratar da junção dessas perspectivas teóricas, elucida:

2.1. Alguns grupos de pesquisa organizados trabalham na teoria funcionalista. A multiplicidade de orientações que caracteriza a visão funcionalista da linguagem se reflete no cenário brasileiro, onde múltiplos são os interesses dos que se auto-intitulam funcionalistas. A própria indicação das correntes teóricas eleitas torna-se problemática, já que uma grande parte dos investigadores conciliam propostas de diferentes linhas.

2.2. O maior e mais antigo desses grupos é o PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), que tem uma orientação variacionista dominante, movendo-se, pois, no que alguns membros do grupo definem como sociofuncionalismo. O projeto aborda a variação linguística sob o prisma da função discursiva das variantes. (NEVES, 1999, p. 75).

Uma dessas estudiosas, mencionada no capítulo anterior, é Vera Paredes Silva, que, em sua tese de doutorado, faz uso dos princípios e metodologia da Sociolinguística Variacionista para a análise dos fatores que influenciam a expressão do sujeito pronominal. Para a interpretação dos resultados, utiliza como base o Funcionalismo Norte-americano. Nas palavras de Neves (1999, p.78), Paredes, em sua tese, vê “[...] as tendências de uso como reflexo da organização do processo comunicativo”, fato esse considerado funcionalista.

Paredes Silva (1988, p.21), ao apresentar o funcionalismo em seus pressupostos teóricos, define-o:

O funcionalismo, em sua essência, vê a língua cumprindo finalidades comunicativas - e entenda-se comunicar não só no plano referencial, cognitivo, mas também em termos da natureza e do propósito do evento de fala como fenômeno cultural e cognitivo.

Como visto no tópico anterior, a Sociolinguística Variacionista não se encontra distante do Funcionalismo, havendo, sim, um alinhamento teórico, uma vez que ambas as teorias consideram, por exemplo, a língua como fato comunicativo, dependente do propósito do evento comunicativo, do meio cultural vivenciado pelo falante.

Dessa forma, fica claro o motivo de conciliação de ambas as teorias, que, inclusive, se complementam. No entanto, procuraremos elucidar mais ainda o foco do estudo funcionalista. De acordo com Tavares (2013),

Nessa vertente de pesquisa, defende-se que o conhecimento gramatical de um falante tem origem em sua experiência particular com as formas linguísticas em termos de frequência e contextos de uso. A gramática é definida como uma entidade emergente, dinâmica (cf. HOPPER, 1998), aberta, fortemente suscetível à mudança e intensamente afetada pelo uso que lhe é dado no dia-a-dia, inclusive em termos de frequência. As construções gramaticais têm sua origem na repetição de agrupamentos de palavras no discurso, podendo-se dizer que a gramática emerge ‘da repetição de muitos eventos locais’ (BYBEE, 2006, p. 714). (TAVARES, 2013, p.31)

Mais uma vez é reforçada que a construção da língua é social. Além disso, de acordo com Cezario, Marques e Abraçado (2016, p. 53)

[...] o Sociofuncionalismo pauta-se na ideia de que a estrutura linguística deve ser observada em seu contexto real de uso. Assim, pesquisadores que seguem esta linha de investigação buscam comprovar empiricamente suas hipóteses, baseando-se na análise de dados reais. Para isso, utilizam um corpus previamente definido e bem referendado (ou constituem um corpus seguindo parâmetros muito bem estabelecidos para evitar o enviesamento dos dados obtidos) e, após a coleta dos dados a serem estudados, empregam a metodologia quantitativa variacionista, que permite captar os padrões de uso das possibilidades linguísticas e explicá-los através de um modelo estatístico. O cientista, então, ao analisar um determinado fenômeno, observa quais fatores de ordem estrutural, pragmático-discursiva, cognitiva ou social podem estar envolvidos no uso de uma ou outra forma linguística, a inter-relação estabelecida entre tais fatores e, consequentemente, qual(is) deles seria(an) o(s) fator(es) explanatoriamente mais forte(s). (p.53).

Em nossa pesquisa, semelhantemente ao que Paredes Silva fez em sua tese e ao salientado nesse tópico, procuramos em nossa análise observar como as tendências se organizam no processo comunicativo. Para isso, investigamos os condicionamentos dos eventos comunicativos, como o grau de formalidade do tema do trecho da correspondência, o tema do trecho, entre outros fatores, que são foco do capítulo 4.

Também utilizamos como um dos princípios centrais de nossa análise o Princípio da Iconicidade, que faz parte da Linguística Funcional. Segundo este princípio, pressupõe-se motivação entre forma e significado. Segundo Votre (1997, p.26),

Tomemos o princípio da iconicidade como primeiro ponto de referência. Em sua acepção mais forte, esse princípio nos diz que tende a haver uma relação de motivação entre forma e significado, de modo que os humanos agem com correspondência entre forma e função em termos lingüísticos, embora nem sempre possamos identificar os traços dessa correspondência na produção de cada ato verbal. Isso implica que, por hipótese, nada se dá por acaso na língua. Razões de economia, eficiência e eficácia levam, naturalmente, os humanos a gramaticalizarem, regularizarem, sistematizarem suas ações verbais, operando com o menor número de signos e de princípios e regras de organização desses símbolos em mensagens.

Uma das hipóteses norteadoras da nossa pesquisa surge desse princípio, alinhada às motivações apresentadas, na tradição gramatical, e também as que serão apresentadas no próximo capítulo. Em outras palavras nos perguntamos: a expressão preenchida do sujeito pronominal possui uma função? Essa função seria a de enfatizar e evitar ambiguidade? Se sim, a função da expressão preenchida do sujeito pronominal seria somente essa?

## **CAPÍTULO 3**

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Neste capítulo, inicialmente abordamos como é constituída a amostra, apresentando o caminho percorrido para que esse estudo se tornasse possível. Em seguida, caracterizamos as correspondências. Num terceiro momento, apresentamos os missivistas, relatando um pouco de suas biografias. Após a descrição da amostra, detalhamos os fatores analisados, explicando a motivação para sua análise. Na seção seguinte, voltamo-nos à descrição do programa computacional que utilizamos para gerar os resultados estatísticos, apresentando o tipo de análise realizada. Por último, assim como nos capítulos anteriores, fazemos um resumo dos assuntos tratados.

#### **3.1. A AMOSTRA E SUAS CARACTERÍSTICAS**

##### **3.1.1. A amostra**

Nesta seção procuramos responder às seguintes questões: como é constituída a amostra? Qual inovação ela trouxe? Como a conseguimos?

A amostra é composta por cartas pessoais e cartões postais escritos por dois missivistas capixabas, Oswald Cruz Guimarães e Vicente Caetano, que escrevem para destinatárias mulheres. No Espírito Santo, essa pesquisa foi pioneira, uma vez que não havia ainda sido estudada a variação linguística em correspondências pessoais de épocas passadas.

Para montar a amostra, tivemos de buscar cartas pessoais e cartões postais em acervos públicos e privados. O acervo privado foi possível por meio do Facebook, uma rede social. No Facebook, entramos em um grupo destinado a

fotos antigas do Espírito Santo e procuramos, através de uma publicação, alguém que tivesse cartas de cunho pessoal escritas por capixabas no início do século XX. Em seguida, uma pessoa comentou nossa publicação, dizendo que tinha algumas cartas. A partir disso, entramos em contato com Mariza Guimarães, neta de Oswald Cruz Guimarães, e falamos sobre o interesse que tínhamos ao pesquisar essas cartas. Mariza Guimarães nos disponibilizou as cartas de seus avós, entretanto não nos deixou usá-las como um todo em publicações. Sob sua autorização, podemos publicar, no máximo, três linhas de conteúdo. Dessa forma, podemos analisar todas as correspondências, mas só tornamos públicas pequenas partes, de até três linhas.

Também procuramos cartas pessoais no Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, onde encontramos cartas e cartões postais de Vicente Caetano em um álbum. Todas as missivas encontradas no Arquivo Público estavam em perfeito estado e todas eram manuscritas.

Ao construirmos nossa amostra, tivemos de fotografar as correspondências, digitalizá-las, digitá-las e, posteriormente, analisá-las. Vale ressaltar que nosso *corpus* de análise é todo manuscrito, tendo havido casos que não entendemos todas as palavras por conta da caligrafia dos missivistas.

Procuramos, também, saber informações dos missivistas e destinatárias, dado este que nos ajudará, posteriormente, na análise de resultados. Entretanto, não obtivemos informações da destinatária com quem Vicente Caetano trocava cartas e postais, uma vez que não tivemos contato direto com seus familiares, fato que ocorreu com as correspondências de Oswald C. Guimarães. Almejávamos encontrar familiares de Vicente Caetano, por isso, procuramos no Arquivo Público do Espírito Santo, no Facebook e em pesquisas em alguns livros que tratam da história do ES. No entanto, não alcançamos o que pretendíamos, ou seja, encontrar familiares. Especulamos que a destinatária possa ser sua esposa, por conta de mensagens pessoais em suas correspondências, mas não podemos dizer com toda a certeza, uma vez que o remetente trata a destinatária por apelidos carinhosos, sem dizer em nenhum momento seu nome.

Dadas essas observações, a nossa amostra se constitui da seguinte forma:

Quadro 2- Cartas e postais distribuídos por década

<b>Década- correspondência- missivista</b>	<b>Quantidade de cartas</b>
Década de 1910 –cartas- Oswald	28
Década de 1920 –cartas- Oswald	5
Década de 1950-postais- Vicente	56
<b>TOTAL</b>	<b>33</b>

Como pode ser visto através do quadro, nossa amostra não possui um equilíbrio em quantidade de correspondências por época. Vale ressaltar que as correspondências do missivista Oswald Cruz Guimarães são somente de cartas pessoais. Já o *corpus* escrito por Vicente Caetano é composto apenas por cartões-postais, totalizando 56.

Posto esse detalhamento da amostra que serve como base desse estudo, na próxima seção abordamos um pouco mais a caracterização das correspondências.

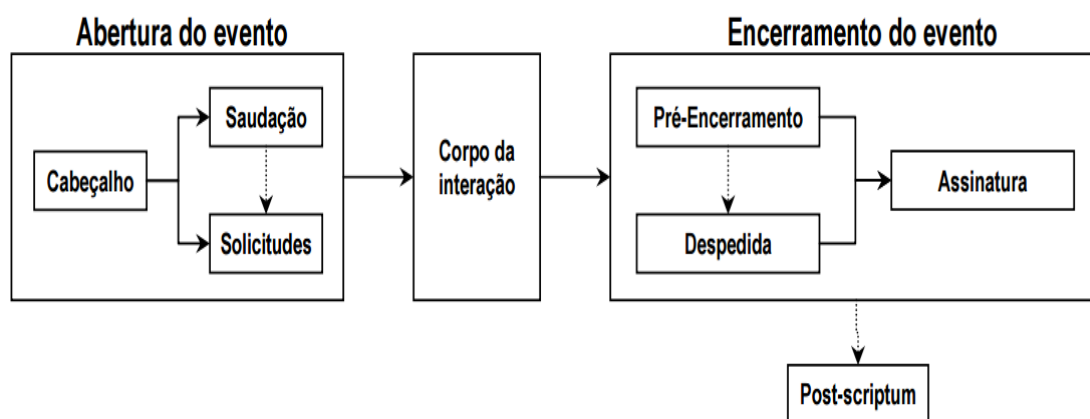
### 3.1.2. A caracterização das cartas e dos postais

Neste momento procuramos responder às seguintes perguntas: como é formado o gênero discursivo estudado? A tradição textual por detrás desse gênero pode influenciar a variação linguística?

As correspondências pessoais possuem um padrão em sua estrutura, fazendo parte, dessa forma, de uma tradição discursiva. Muitos estudiosos, como Paredes Silva (1988) e Silva (2002), já salientavam as questões relativas à estrutura das cartas, cada uma delas com um enfoque diferente. Segundo Paredes Silva (1988), a composição da carta pessoal seria assim dividida:

- Seção de Contato: inicia a carta para, posteriormente, inicia o assunto, muitas vezes pedindo notícias ou fazendo referências a cartas recebidas;
- Núcleo da Carta: fica entre o contato e a despedida, sendo o foco da carta em si, e, portanto, a maior parte da carta;
- Seção de Despedida: normalmente é a despedida da carta, sendo muitas vezes breve.

Silva (2002, p.139), por outro lado, traça um esquema de composição da carta pessoal também composto por três seções, como podemos ver a seguir.



Nesse esquema, na abertura do evento, há o cabeçalho, onde estão as informações da localização do emissor e a data em que a carta foi escrita. Em sequência, há as saudações, que são normalmente vocativos, sendo, também, “[...] estratégias interativas introdutórias da atividade de interlocução; visam, ainda, a expressar uma atitude de polidez do remetente para com o destinatário” (SILVA, 2002, p.141). Posteriormente, pode haver na carta uma solicitação ou a acusação do recebimento de uma correspondência. Como núcleo central do texto, encontra-se o corpo do texto, composto por vários temas. Por fim, tem-se, então, a seção de encerramento, composta por um pré-encerramento, despedida e, ao final, a assinatura do missivista. A autora também elucida o *post-scriptum*, que pode remeter-se:



[...] à retomada de fatos tratados em cartas enviadas pelo destinatário; à exposição de trovas que evocam sentimentos de amizade, de carinho, etc.; à indicação de endereços; à solicitação/cobrança para que o destinatário escreva ou responda às cartas; por fim, à manifestação das costumeiras fórmulas de desculpas pelos supostos erros de grafia que possam ter ocorrido na escrita do texto. (SILVA, 2002, p. 146).

Ambas as autoras tratam de maneira semelhante a estrutura das cartas pessoais, que seriam compostas por estruturas padronizadas: seção inicial, núcleo da carta e, por fim, a despedida. No tocante, salientamos que nem toda carta pessoal terá essa estrutura, podendo, em certas ocasiões, não haver, por exemplo, a despedida ou a seção de contato.

Ao fazermos nossa análise sobre correspondências pessoais, notamos fatores semelhantes na estrutura das cartas e dos postais, sendo os dois compostos por essas três partes, como podemos ver no seguinte postal:

Fotografia 1- Postal de Vicente Caetano

Rio 29.4.54 - 19,30

Querida. Recebi hoje sua carta de 27 afetuosa e delicada como você. Fiz hoje a oitava aplicação desta série nova dada em doses cavalares. Ando agora com a garganta seca e já um pouco sensível. Não sei ainda até onde isto irá. E para cúmulo o meu amigo Osolando partiu em viagem de férias, deixando-me entregue ao seu assistente Dr. Paulo Lobo. Soube por este que ele havia partido e só voltará no fim de maio. Pensei que ele deve ter deixado um esquema e instruções para o meu tratamento para o Paulo observar. Não sei, espero que seja assim porque o Paulo é o tipo do sujeito displicente, um automato movido pelo Osolando. Habitua-se a obedecer, deixando a iniciativa e a responsabilidade para o outro. Sei bem que o que Deus quiser. O estado geral é bom e todo mundo me acha gordo, embora meu peso permaneça, de há muito tempo, invariável. Estive aqui, à tarde, em visita, o Carlos Lindenberg, brase 5 hs. e eu voltava do médico. Conversou quase uma hora, e foi, como sempre, muito amável, pronto para o que precisasse. Mas eu não preciso de nada. Só preciso de você, querida. Também vi outra vez há pouco, na porta do hotel, Thereza e a irmã. Passavam e pararam para me cumprimentar e perguntar se eu tinha notícias suas. Perguntou cretina, não é? Boa noite, bem. XXX V.

Rio 29.4.54-19,30

Querida. Recebi hoje sua carta de 27 afetuosa e delicada como você. Fiz hoje a oitava aplicação desta série nova dada em doses cavalares. Ando agora com a garganta seca e já um pouco sensível. Não sei ainda até onde isto irá. E para cúmulo o meu amigo Osolando partiu em viagem de férias, deixando-me entregue ao seu assistente Dr. Paulo Lobo. Soube por este que ele havia partido e só voltará no fim de maio. Penso que ele deve ter deixado um esquema e instruções para o meu tratamento para o Paulo observar. Não sei, espero que seja assim porque o Paulo é o tipo do sujeito displicente, um automato movido pelo Osolando. Habitua-se a obedecer, deixando a iniciativa e a responsabilidade para o outro. Enfim seja o que Deus quiser. O estado geral é bom e todo mundo me acha gordo, embora meu peso permaneça, de há muito tempo, invariável. Estive aqui, à tarde, em visita, o Carlos Lindenberg. Eram 5hs. e eu voltava do médico. Conversou quase uma hora, e foi, como sempre, muito amável, pronto para o que precisasse. Mas eu não preciso de nada. Só preciso de você, querida. Também vi outra vez há pouco, na porta do hotel, Thereza e a irmã. Passavam e pararam para me cumprimentar e perguntar se eu tinha notícias suas. Perguntou cretina, não é? Boa noite, bem. XXX V.

Apesar das semelhanças na estrutura, é importante ressaltarmos que os postais têm espaço reduzido para a escrita, e, em contrapartida, as cartas são mais extensas. Este fator pode fazer com que o missivista tenha maior flexibilidade

em sua escrita, devendo, então, ser um fator que devemos levar em conta em nossa análise.

### 3.1.3. Os missivistas

Conforme explicitado, nosso *corpus* é composto por correspondências de cunho pessoal que dois missivistas mandavam para destinatárias. A escolha por esses missivistas se deu pelo fato de ambos serem capixabas e por suas cartas possuírem temáticas parecidas: amor, pedido, negócios e notícias. Ressaltamos, entretanto, que Oswald Guimarães, segundo sua neta, possui a escolaridade até o terceiro ano do ensino fundamental, já Vicente Caetano possui ensino superior.

As cartas de Oswald Guimarães são das décadas de 1910 e 1920. É importante salientar que

Até os anos 20, a educação brasileira comportou-se como um instrumento de mobilidade social. Os estratos que detinham o poder econômico e político utilizavam-na como distintivo de classe. As camadas médias procuravam-na como a principal via de ascensão social, prestígio e integração com os estratos dominantes. Nesta sociedade, ainda não havia uma função “educadora” para os níveis médio e primário, razão pela qual eles não mereceram atenção do Estado, senão formalmente. A oferta de escola média, por exemplo, era incipiente, restringindo-se, praticamente, a algumas iniciativas do setor privado (ROMANELLI, 1983, apud MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DE BRASIL [MEC]; INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA [INEP]; ORGANIZACIÓN DE ESTADOS IBERO AMERICANOS [OEI], 2003, p.21)

Condizente a essa realidade, em dados, notamos uma taxa muito baixa de alfabetização da população brasileira nessas décadas

[...] nos primeiros vinte anos do século, a taxa de analfabetismo manteve-se praticamente a mesma: quer em 1900, quer em 1920, o censo mostrou que, em cada grupo de 100 pessoas nas idades de 15 anos e mais, 65 eram incapazes de ler e escrever (LOURENÇO FILHO, 1970, p.252)

Na década de 50, no entanto, época que se refere aos postais de Vicente Caetano, começa-se a notar uma queda singela do analfabetismo no Brasil, e metade da população (50,69%) que tinha, no mínimo, quinze anos, era

analfabeta. Nas décadas anteriores, essa taxa era maior: em 1900, era de 65,3% e, em 1920, 64,9%. (LOURENÇO FILHO, 1970, p.252).

Tais dados mostram a realidade da população brasileira, compartilhada, também, pelos missivistas analisados. Voltamo-nos aos detalhes da vida pessoal de cada missivista.

Oswald Cruz Guimarães (1896-1964) é natural da cidade de Vitória, fez parte da construção da cidade, prestando serviços por meio de sua empresa familiar ao Governo do Estado. Sempre esteve relacionado ao meio político de Vitória, tendo sido prefeito da capital por um curto período - de agosto de 1958 a janeiro de 1959. Foi também vice-presidente da Associação Comercial. Foi casado com Hylda Mattos Guimarães, com quem teve dois filhos. As correspondências são de 1910, época em que Hylda e Oswald namoravam, e Hylda morava em Niterói. Em 1920, Hylda, depois de casada, retorna ao estado do Rio de Janeiro para ter um de seus filhos.

Fotografia 2- Oswald Cruz Guimarães



Fonte: Fotografia retirada do álbum de sua neta Mariza Guimarães.

Vicente Caetano (1889 – 1977) é natural da cidade de São José do Calçado, localizada no sul do Espírito Santo. É formado em direito pela Faculdade Livre de Direito. Fez parte do meio político do estado, tendo sido prefeito de São Mateus – norte do estado - (1921) e Alegre – sul do Espírito Santo - (1924 – 1926). Em Alegre, seu mandato é conhecido pelo processo de urbanização.

Também foi diretor do jornal “O ALEGRENSE”, deputado estadual (1928-1930), procurador da Fazenda Municipal em Cachoeiro de Itapemirim, diretor da Caixa Econômica Federal no Espírito Santo, desembargador e juiz efetivo do Tribunal Regional Eleitoral do Estado do Espírito Santo. Foi casado com Marguerite Legrand Caetano, com quem teve Sylvio Gilles. Vicente Caetano, na década de 1950, teve um câncer na garganta e foi para o Rio de Janeiro fazer o tratamento. Nessa época, então, se corresponde com Mayde, cujo apelido carinhoso é Didi, acreditamos que ambos os nomes sejam apelidos de Marguerite.

Fotografia 3- Vicente Caetano



Fonte: Fotografia retirada de seu acervo pessoal que se encontra no Arquivo público do ES.

Ao saber dessas informações, vemos que ambos os missivistas possuem características parecidas: são capixabas, fizeram parte da política do Estado e trocam correspondências com destinatárias com temas semelhantes.

### 3.2. FATORES ANALISADOS

#### 3.2.1. Variável dependente

A variável dependente, assim como o nome diz, depende de outras variáveis, que, no caso em questão, são as variáveis independentes (foco do próximo tópico). A variável dependente, fenômeno linguístico foco de um estudo, é constituída de variantes, que são duas ou mais formas que podem ser utilizadas em um mesmo contexto linguístico e social, tendo o mesmo valor de verdade. (Cf. LABOV [1972] 2008; GUY & ZILLES, 2007, p.74-79; MOLLICA & BRAGA, 2013, p.11).

Dito isso, podemos pensar que o foco de investigação em nossa análise é a expressão do sujeito pronominal, que ocorre de duas formas:

- Expressão preenchida do sujeito pronominal:

“[...] Depois **ele** está informado de que **eu** não pedi ainda” (carta de Oswald Guimarães, datada de 5 de maio de 1917);

“ [...] Meu bem, **eu** sei que é feio um homem ser chorão” (carta de Oswald Guimarães, datada de 8 de dezembro de 1919).

“**Você** prefere isso não é?” (carta de Oswald Guimarães, datada de 19 de maio de 1917).

- Expressão não preenchida do sujeito pronominal:

“ [...] Ø Pedi que conservasse o 17-7-916 actual pois era verdadeiramente chic e Ø assentava muito bem em V.” (carta de Oswald Guimarães, datada de 18 de Julho de 1916).

“[...] Ø Sei apenas que Ø ando triste só de pensar que motivos superiores podem impedir a execução desse sonho de tantos meses!.” (carta de Oswald Guimarães, datada de 15 de maio de 1917).

No entanto, através da reflexão trazida sobre “valor de verdade”, também podemos nos perguntar se o valor de verdade da realização da expressão do sujeito pronominal da primeira pessoa do discurso (pessoa quem fala), seria o mesmo valor de verdade da realização da expressão do sujeito pronominal da segunda pessoa (pessoa com quem se fala). Ao refletirmos sobre isso, constatamos que, apesar de as duas formas terem a mesma função sintática, ou seja, ser um sujeito pronominal, o valor de verdade não é o mesmo. (Lavandera, 1984, p.41-43).

Então, neste estudo, faremos as duas possibilidades de análise, seguindo estudos com propostas distintas e que serão usados na comparação dos resultados obtidos na presente pesquisa.

### **3.2.2. Variáveis independentes**

Os usos variáveis mencionados no tópico anterior “[...] são determinados (ou talvez restringidos) pela identidade social e pela experiência linguística prévia do falante.” (GUY & ZILLES, 2007, p. 75).

Tentamos em nossa análise captar quais elementos influenciam ou não o uso de uma das formas da variável dependente. Dessa forma, seguindo propostas anteriores, averiguamos as influências de fatores morfossintáticos, discursivos e sociais sobre a variação, influências que são as variáveis independentes que serão apresentadas nas próximas seções.

#### **3.2.2.1. Pessoa do discurso**

Em nossa análise, ao invés de observarmos todos os pronomes (*eu, tu, você, vós, ele, nós, vós, eles*), fazendo, então, uma análise geral da expressão do sujeito pronominal, optamos por analisar por pessoas do discurso, uma vez que as influências internas e externas a língua se comportam de modo diferente

conforme a pessoa que fala, a pessoa com quem se fala e a pessoa de quem se fala. Essa opção também se deu para que fosse possível a comparação com resultados de outros trabalhos. Dessa forma, a análise por pessoa do discurso é semelhante aos trabalhos já realizados e que foram expostos no capítulo 1 deste estudo.

Sendo assim, analisamos a expressão do sujeito pronominal na primeira pessoa do discurso (*eu* e *nós*), na segunda pessoa do discurso (*você/ vocês, tu/vós*) e na terceira pessoa do discurso (*ele/eles, ela/elas*).

Tendo em vista o paradigma pronominal, mostrado no item 1.2.4., seguindo a hipótese baseada na marcação morfológica da pessoa do discurso, é possível que a primeira pessoa do discurso, por possuir marca morfológica em muitos tempos verbais, terá mais expressão nula do sujeito pronominal se comparada às demais pessoas do discurso. Já a segunda pessoa, por haver em *tu* e em *vós* marca morfológica, e em *você* e *vocês* marca de terceira pessoa do singular e plural, respectivamente, é possível que sejam encontrados resultados com maior expressão preenchida de pronome, se comparados com os da 1ª pessoa do discurso. Por essa lógica, na terceira pessoa do discurso haverá mais expressão preenchida que as demais. No entanto, por se tratar de uma situação discursiva como as correspondências, o evento comunicativo tem foco em quem escreve a correspondência e em quem a recebe (cf. PAREDES SILVA, 1988). Neste evento comunicativo, portanto, o foco não estaria na terceira pessoa do discurso, fator que levaria a uma menor ocorrência dessa pessoa do discurso e a um menor preenchimento da expressão do sujeito pronominal.

Acreditamos, portanto, que, ao lado de fatores ditos linguísticos, como as marcas morfológicas, também temos de considerar a questão funcional, relativa à própria situação comunicativa e às intenções dos missivistas ao enviarem notícias para suas destinatárias.



### 3.2.2.2. Pronome

Com finalidades comparativas analisamos tal fator e temos por hipótese que os pronomes que possuem marca morfológica no verbo terão mais expressão nula de sujeito pronominal, enquanto os que não possuem terão mais expressão preenchida. Sendo assim, seguindo a hipótese, os pronomes *eu* e *nós*, *tu* e *vós* terão sua expressão menos preenchida que os pronomes *você*, *ele*, *vocês* e *eles*.

### 3.2.2.3. Animacidade do sujeito - 3ª pessoa

A terceira pessoa do discurso pode remeter tanto a outra pessoa, quanto a objetos e situações, diferentemente das demais pessoas do discurso, que têm sempre traços animados, retomando pessoas humanas. Por isso, é possível que, semelhantemente aos resultados de outros estudos, os referentes animados sejam mais retomados pela expressão preenchida, enquanto os referentes inanimados sejam favorecedores da expressão nula, uma vez que sua relevância na situação comunicativa em pauta seja inferior aos de referentes animados. Em outras palavras a expressão preenchida do sujeito pronominal está associada ao referente animado ou humano.

### 3.2.2.4. Temas dos trechos das correspondências

Nas correspondências analisadas, há temas dos trechos das correspondências recorrentes tanto nas correspondências de Oswald Guimarães quanto nas de Vicente Caetano, que são: pedido, notícias, negócios e amor. Abaixo, exemplificamos os temas dos trechos analisados:

- **Pedido** - “Em tua 1ª. Carta Ø peço que me digas qual a tua opinião sobre o retrato que te dei.” (Carta de Oswald, datada de 28 de junho de 1916), “mas, não seja má, e deixe-se de experien-cias. Acaso não está bem certa

do meu amor? Mas... o que escrevo eu?” (Carta de Oswald, datada de 12 de julho de 1916);

- **Notícia** - “Quando Ø ahi estive, V. pediu-me que Ø procurasse sahir pouco, à noite, e até mesmo que Ø não fosse ao Club, contudo eu ainda vou ao Club.” (Carta de Oswald, 5 julho de 1916);
- **Amor** - “Agradeço o teu esforço afim de estreitar a nossa amizade. Eu acho que não passa do que está... já não temos segredos um para o outro, não é?” (Carta de Oswald, datada de 5 de Maio, de 1917).
- **Negócios** - “Querida Telefona ao Fraga para dar andamento ao titulo do Credito Real. Para isso **você** lhe dará 1200 crs. – O do Hipotecario fica para segunda feira próxima pois Ø já estarei ai. Convem, em todo caso, o Fraga prevenir o gerente para que Ø espere até segunda feira com aquele jeito especial de enrolador que ele tem.” (Postal de Vicente Caetano, datado de 21 de março de 1954 às 19:20).

Separamos esses temas em dois blocos em nossa análise. O primeiro é destinado aos temas considerados subjetivos, que foram os relacionados a pedidos e amor, temas em que o missivista tenta preservar mais sua face. Procura, por vezes, ter seus objetivos atingidos, isto é, seus pedidos atendidos e sua mensagem de amor passada. São temas considerados, também, mais pessoais, de maior envolvimento do missivista com a destinatária. Em alguns casos, há mescla dos dois temas, pois, muitas vezes, o missivista tratava de assuntos de amor e, em seguida, pedia algo à destinatária, como um beijo, uma outra correspondência para diminuir a saudade, ou mesmo uma carta sobre os sentimentos da destinatária. Em nesses enunciados há maior preservação da face.

A respeito do envolvimento e como os informantes se comportam linguisticamente nessas ocasiões

Envolvimento refere-se àquelas características lingüísticas que refletem o fato de que o falante e o ouvinte tipicamente interagem entre si, enquanto o escritor e o leitor normalmente não interagem. Devido a essa interação, os falantes costumam fazer referência direta ao ouvinte (e ao uso de pronomes de segunda pessoa, perguntas, imperativos, etc.), e estão geralmente preocupados com a expressão de seus próprios pensamentos e sentimentos. enfática e amplificadores, e verbos cognitivos como pensar e sentir). Como resultado dessa preocupação, a fala frequentemente tem um caráter distintamente não-informativo e impreciso (marcado por barreiras, pronome e outras formas de conteúdo reduzido ou generalizado). Esses recursos podem ser considerados em conjunto com as características do texto. Em contraste, o desapego refere-se às características da escrita típica que resultam do fato de que escritor e leitor geralmente não interagem (por exemplo, marcados por passivos e nominalizações sem agente). (BIBER, 1988, p.43- 44, tradução nossa)<sup>6</sup>

O outro bloco de temas é referente aos denominados objetivos, dado que versavam sobre negócios e notícias. Esses temas foram considerados os mais impessoais, objetivos, pois tratavam restritamente de questões em que não havia envolvimento emocional do missivista, mas apenas a necessidade de relatar um acontecimento ou negociação realizada.

### 3.2.2.5. Estrutura das correspondências

A estrutura das correspondências, semelhante ao mostrado na seção 3.1.2., foi dividida em três partes, assim explicitadas:

- **Contato inicial:** é início da carta ou postal, onde ocorre o contato inicial, localizado logo após a data da correspondência e o vocativo. Muitas vezes remete à correspondência passada;

---

<sup>6</sup> Involvement refers to those linguistic features which reflect the fact that the speaker and listener typically interacts with one another, whereas the writer and reader typically do not. Due to this interaction, speakers often make direct reference to the listener (and use of second person pronouns, questions, imperatives, etc.), and are usually concerned with the expression of their own thoughts and feelings first person pronouns, affective forms such as emphatics and amplifiers, and cognitive verbs such as think and feel). As a result of this concern, speech often has a distinctly non-informational and imprecise character (marked by hedges, pronoun it, and other forms of reduced or generalized content). These features can be considered together with the characteristics of the text. In contrast, detachment refers to the characteristics of typical writing which result from the fact that writer and reader usually do not interact (e.g., marked by agentless passives and nominalizations).

- **Assunto central da correspondência:** é o corpo central da correspondência, normalmente repleto de novidades, alguns pedidos, declarações de amor e assuntos relativos a negócios;
- **Despedida:** é o momento de finalização da carta ou postal, em que o missivista se despede da destinatária, normalmente mandando beijos, abraços e solicitando que a destinatária não se esqueça de quem está lhe mandando a correspondência.

Acreditamos que a parte do assunto central da correspondência será a que mais favorece a expressão preenchida do sujeito pronominal em virtude do caráter do maior envolvimento das pessoas e dos temas tratados. As demais partes da correspondência são consideradas cristalizadas, ocorrendo quase que de maneira homogênea. Em algumas correspondências pode não haver despedida propriamente dita ou mesmo um contato inicial.

#### 3.2.2.6. Ambiguidade

A ambiguidade é um fator muito tratado nos estudos sobre a expressão do sujeito pronominal e nas gramáticas do PB, conforme apontado no primeiro capítulo. Avaliamos tal variável valendo-nos da morfologia e do contexto discursivo. Os contextos morfologicamente ambíguos são aqueles em que a oposição entre 1ª e 3ª pessoas desaparece, fato mais comum no imperfeito, no mais-que-perfeito, no futuro do pretérito e nos tempos do subjuntivo. A seguir apresentamos cada um dos fatores que compõem essa variável:

- **Verbos morfologicamente não ambíguos:** seriam os que remetem, normalmente, aos pronomes *eu* e *nós*, *tu* e *vós*. É o caso exemplificado em “Depois, antes de começar o namoro, Hylida, nós já éramos primos.” (carta de Oswald, datada de 18 de agosto de 1916). Entretanto, há casos de primeira pessoa do singular que são morfologicamente ambíguos, como o do exemplo seguinte

“Não se impressione quando na 3.a distribuição nada receber, porque, como Ø já disse atras, também às veses me acontece o mesmo.” (carta de Oswald, datada de 18 de agosto de 1916).

- **Verbos morfologicamente ambíguos e contexto menos ambíguo:** São casos em que os verbos morfologicamente não se diferem, mas que o contexto permite a identificação do sujeito pronominal, como observamos no exemplo abaixo

“Depois de minha sahida, a Maria te deu muito que faser? Ø Continuou a offerecer o lençol?” (carta de Oswald, datada de 2 de novembro de 1916).

“só parece que elle acompanhou a nossa vida desde o inicio, **elle** que nos conhece e sabe que temos juiso” (carta de Oswald, datada de 5 de maio de 1917).

- **Verbos morfologicamente ambíguos e contexto mais ambíguo:** São casos em que os verbos morfologicamente não se diferem e em que o contexto também é ambíguo, havendo, então, maior dificuldade na identificação do sujeito pronominal, como observamos no trecho a seguir  
 “E depois já sabe: puxão de orelhas quando **eu** chegar ahi.” (carta de Oswald, datada de 5 de maio de 1917), “O médico de Pequena é o de Jones. Ø Está melhor. O Jones diz que ella teve prin-cipio de abasto, consequência de moles-tia” (carta de Oswald, datada de 8 de Dezembro de 1919). Cumpre destacar que esses casos não são frequentes.

A hipótese quanto a esse fator é que os verbos morfologicamente não ambíguos favorecem menos a expressão preenchida do sujeito pronominal do que os verbos morfologicamente ambíguos e o contexto menos ambíguo. Temos por hipótese de que fator que mais favorece o preenchimento do sujeito pronominal é o verbo morfologicamente ambíguo e o contexto mais ambíguo.

### 3.2.2.7. Ênfase

Com base em Paredes Silva (1988, p. 196-204), consideramos enfáticos os seguintes contextos:

- Oposição semântica: recorrente em oposição de sentido depreendidos de acordo com contexto, muitas vezes por oposição às pessoas do discurso ou à oposição semântica de verbos, como em: “Eu não **discuto** ordens: **cumpro**” (Carta de Oswald, datada de 2 de Novembro de 1916);
- Uma afirmativa seguida de uma negativa, ou uma negativa seguida de uma afirmativa, como em “porque todas as noites eu **chamo tu e tu não vens**” (Carta de Oswald, datada de 11 de Dezembro de 1919);
- Uso de conjunção, como em “Eram 5hs. e eu vol-tava do médico. Conversou quase uma hora, e foi, como sempre, muito amável, pronto para o que precisas- se. **Mas** eu não preciso de nada.” (Postal de Vicente, datado de 29 de maio, de 1954, escrito às 19 horas e 30 minutos);
- Adjunção de palavras ou expressões que, de algum modo, valorizam o papel do sujeito ou expressam sua opinião, como em: **Se eu** levo até 10/1/2, 11 horas escrevendo ao meu insecto? (Carta de Oswald, datada de 5 de maio, de 1917), **Meu bem, eu** sei que é feio (Carta de Oswald, datada de 8 de dezembro, de 1919).
- Topicalização: neste item também foram considerados adjuntos adverbiais que foram movidos para a primeira posição da sentença, como em “Sobre o negocio da casa do tio Asamor **Ø** tens razão” (Carta de Oswald, datada de 5 de dezembro, de 1917) ; Sobre as camelias, **Ø** aviso-te de que che-garam bem (Carta de Oswald, datada de 5 de dezembro, de 1917).

Os demais contextos foram considerados não enfáticos. As hipóteses em torno da variável analisada é a de que, assim como a literatura menciona, a expressão do sujeito pronominal será mais preenchida nos casos em que o missivista utiliza um elemento enfático para realçar algo, daí usar o sujeito preenchido mais frequentemente.

### 3.2.2.8. Envolvimento

Notamos nas correspondências que há momentos em que o emissor tem total envolvimento com a destinatária, enquanto em outros momentos há um maior afastamento, tornando, assim, em alguns momentos mais íntimos/envolvidos e, em outros, mais formal/distante. Vejamos os exemplos:

- **formal/distante:** “Querida. Tendo passado todo o dia de ontem aborrecido, afinal sem motivo algum, resolvi ir às 8 horas ver o Manto Sagrado em cinemascope no cine Palacio da rua do Passeio” (Carta de Vicente Caetano, datada de 21 de maio, de 1954, escrita às 17 horas);
- **íntimo/envolvido:** Voltando ao hotel encontrei seu recado telefonico de 22,45. Não podendo mais telefonar a essa hora pedi reserva da ligação para hoje à primeira hora e a telefonista me aconselhou que fosse 7 horas por não ter ainda movimento e ser atendido logo mas fiquei preocupado e quasi não dormi direito (Carta de Vicente Caetano, datada de 21 de maio, de 1954, escrita às 17 horas);

Quanto ao fator analisado, acreditamos que os trechos de maior envolvimento favorecerão a expressão preenchida do sujeito pronominal, enquanto os trechos de maior distanciamento a desfavorecerão.

### 3.2.2.9. Mudança de referência

A mudança de referência, como o próprio nome diz, avalia quando há a mudança de uma referência, ou seja, se o referente (sujeito) de uma oração é o mesmo da oração anterior ou se houve uma mudança de referência (sujeito). No exemplo abaixo vemos a mudança de referência, o sujeito *tu*, passa para o sujeito *eu*:

“Como *ø* *deves* compreender isso tem muito valor para nós, pois a espera disso *estava eu* para poder mais ou menos combinar”.

Nossa hipótese de resultado quanto a esse fator se dá com base em outros estudos, que verificaram que, quando o referente permanece o mesmo, há maior expressão nula do sujeito. Por outro lado, quando a referência do sujeito muda, há maior expressão preenchida de sujeito pronominal. (Cf. PAREDES SILVA, 1988, p.141- 142, Lira 1988).

Paredes Silva (1988), ao analisar essa variável avaliando cada pessoa do discurso, verificou que esse fator foi condicionante apenas na 1ª pessoa e 3ª pessoas.



### 3.3. O GOLDVARB X

Para gerar os resultados, tivemos, primeiramente, de fazer um levantamento de dados linguísticos. Em segundo momento, fizemos o tratamento estatístico dos dados. Foi necessário o uso do programa Goldvarb X (Sankoff, Tagliamonte & Smith, 2005), versão do pacote VARBRUL para o ambiente Windows. O Goldvarb X é parte do Pacote Varbrul, que é “um conjunto de programas de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística.” (GUY; ZILLES, 2007, p.105).

Esta ferramenta de análise estatística nos fornece os resultados que possibilitam observar os contextos que favorecem e os que desfavorecem a expressão preenchida do sujeito pronominal. A respeito do programa Varbrul, Guy & Zilles (2007, p. 105) salientam que ele:

[...] mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos, dessas variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente. [...] O programa também permite ao pesquisador testar várias hipóteses possíveis sobre a natureza, tamanho e direção dos efeitos das variáveis independentes.

Com base nos resultados gerados pelo programa Goldvarb X, utilizamos, em nossa análise, além das frequências absoluta e relativa, o “peso relativo”, que nos permite observar a significância estatística de cada um dos fatores, isto é, se cada um dos fatores é ou não estatisticamente significativo para o uso da expressão preenchida do sujeito pronominal. No tocante, Guy & Zilles (2007, p. 212) ressaltam que o Varbrul foi projetado para

[...] fornecer, nos pesos, uma representação abstrata dos efeitos do contexto independentemente dos níveis gerais de uso de um processo. É preciso lembrar que os pesos são pesos relativos- isto é, são relativos ao ponto neutro (que é um peso de 0,50 nas análises binárias).

Ao lermos os resultados, quanto aos pesos relativos, temos de ter em mente que eles

[...] calculam os efeitos dos fatores de cada grupo em relação ao nível geral de ocorrência das variantes e resultam de uma análise multivariada. O efeito, assim calculado, pode ser neutro (0,50), favorecedor (acima de 0,50) ou desfavorecedor (abaixo de 0,50) em relação à aplicação da regra em estudo (GUY & ZILLES, 2007, p. 211).

Sankoff (1988) salienta que é a diferença entre os efeitos dos fatores o mais importante na análise. Para o autor, cada modelo apresenta, de alguma maneira, um grau de arbitrariedade na concentração dos resultados estatísticos.

Também é importante, na leitura dos resultados, saber que um peso relativo de 0,50 de um dado fator só é mesmo neutro caso este fator tenha “uma frequência de ocorrência que se aproxime da frequência total observada em todo corpus” (GUY & ZILLES, 2007, p.239).

Ainda sobre o programa, é notório ressaltar que, em uma pesquisa baseada na estatística, podemos fazer dois tipos de análise: a análise conhecida como univariada, cujo tratamento observa os “casos em que se testava o efeito de uma variável independente sobre uma variável dependente.” (GUY & ZILLES, 2007, p. 98); e a análise multivariada, que procura controlar diversos aspectos ao mesmo tempo em que são calculados os efeitos e medidas de significância (Cf. GUY & ZILLES, 2007, p. 99).

O programa Goldvarb X tem em seu modelo a análise multivariada, pois

O modelo incorpora a idéia de que os processos linguísticos são influenciados simultaneamente por diversas variáveis independentes, tanto linguísticas quanto sociais. Em geral, os dados linguísticos raramente se apresentam em números equilibrados em todas as categorias relevantes. [...] Portanto, o modelo do Varbrul prevê a necessidade de uma análise multivariada, em que cada efeito de um fator (cf. glossário) na análise é calculado enquanto são controlados, até o máximo possível, os outros fatores. (GUY & ZILLES, 2007, p.100).

Outros dois dados importantes que serão vistos nas tabelas, além da frequência dos dados e da significância, são o *input* e o *range*.

O *input* representa o nível geral de uso de determinado valor da variável dependente. Por exemplo, caso se investigue a presença ou ausência de /r/ final no português do Brasil e a contagem focalize a frequência de ausência, pode ser que, numa determinada amostra, os falantes, no total, apresentam uma taxa de 40% de apagamento ou ausência de /r/. O *input* numa análise desses dados com o Varbrul, representaria essa taxa básica, e, embora seja calculado na base de critérios complexos demais para discutir aqui, deve se aproximar do nível 0,40, dadas certas expectativas sobre a distribuição equilibrada dos dados. Quando o valor do input se distancia da taxa geral, isso indica que a distribuição dos dados através dos vários fatores não é equilibrada (por exemplo, se houve grande diferença entre falantes masculinos e femininos, e a maioria dos dados da amostra veio de falantes femininos, o *input* deve corrigir esse desequilíbrio, e, portanto, desviar-se da frequência calculada para a amostra total). (GUY & ZILLES, 2007, p.238).

Ressaltamos, ainda, a respeito do input, que o input inicial é projetado sem relação com os efeitos dos fatores de nenhuma variável independente. Por outro lado, o input do nível que contém as variáveis independentes selecionadas, ou seja, as que foram estatisticamente significativas, pode se alterar quando há desequilíbrio na distribuição dos dados (Cf. GUY & ZILLES, 2007, p.238).

Oo *range* é um cálculo que mede a força de determinada variável. Esse cálculo é feito da seguinte maneira: subtrai-se o maior peso relativo de um fator daquele de menor peso relativo em uma variável. É importante destacar que, quanto maior for o número gerado, mais forte é a restrição de determinada variável. Por outro lado, quanto mais baixo for o número gerado, mais fraca é sua restrição. Esse cálculo nos permite ver o alcance, ou efeito, dos grupos de fatores. (Cf. TAGLIAMONTE, 2006, p.242). Nas palavras da autora:

A última linha de evidência vem da força relativa exercida por um grupo fator em uma análise de variação. A força é medida pelo "Intervalo", que é então comparado com os intervalos dos outros grupos de fatores. O intervalo é calculado subtraindo o maior peso relativo de um fator daquele, de menor peso relativo em uma variável. Quando esses números são comparados para cada um dos grupos de fatores em uma análise, quanto maior for o número (isto é, intervalo) é verificada, então, a restrição mais forte. Quanto mais baixo for o número, é identificada a restrição mais fraca e assim por diante. O intervalo (ou magnitude do efeito) permite situar grupos de fatores e sua relação de uns com os outros. (TAGLIAMONTE, 2006, p. 242, tradução nossa)<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> The last line of evidence comes from the relative strength exerted by a factor group in an analysis of variation. Strength is measured by the 'range', which is then compared with the ranges of the other significant factor groups. The range is calculated by subtracting the lowest factor weight from the highest factor weight. When these numbers are compared for each of the factor groups in an analysis, the highest number (i.e. range) identifies the strongest constraint. The lowest number identifies the weakest constraint, and so forth. The range (or magnitude of effect) enables you to situate factor groups with respect to each other.

Após essas explicações, a respeito de como funciona o programa Goldvarb X e como o utilizamos, voltamo-nos à sua interpretação, confrontando as hipóteses apresentadas com base em estudos realizados de mesma linha teórica.

### 3.4. RECAPITULANDO...

Neste capítulo apresentamos a descrição da amostra. Notamos que, apesar das semelhanças entre as cartas e os postais, no objetivo da escrita e na biografia dos missivistas, os missivistas possuem diferenças na escolarização, fator esse a ser considerado, já que devemos, preferencialmente, analisar pessoas com o mesmo perfil social, ou seja, os missivistas deveriam ter a mesma escolarização. Entretanto, conforme destacado, os missivistas pertencem à classe social dominante, tendo tido importante participação na vida política, econômica e social do Espírito Santo. Dessa forma, a amostra coletada mostra-se relevante para que se conheça a realidade da escrita pessoal capixaba do início a meados do século XX.

## CAPÍTULO 4

### 4.DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo objetivamos responder às seguintes perguntas: quais tipos de análises esse estudo possibilita? Qual tipo de análise será feita? Quais fatores influenciam a expressão do sujeito pronominal preenchida? Os fatores que influenciam o preenchimento do sujeito pronominal nas cartas de Oswald e nos postais de Vicente Caetano são os mesmos? Se sim, quais os motivos? Se não, quais os motivos? Os resultados obtidos nessa pesquisa são semelhantes aos de outros estudos? Os resultados atenderam às hipóteses? Os contextos mostrados pelas gramáticas influenciam, de fato, a expressão preenchida?

Ao estudarmos a expressão do sujeito pronominal, podemos fazer dois tipos de análise: uma global, baseada em todo o sistema pronominal e uma análise específica, em que se observa cada pessoa do discurso.

Faremos, primeiramente, a análise global dos dados, observando a expressão do sujeito pronominal em todo o sistema pronominal nas cartas de Oswald e nos postais de Vicente Caetano. Ao fazermos esta análise, temos em mente as possíveis críticas, uma vez que, segundo Benveniste (1991, p. 250) “Uma teoria linguística da pessoa verbal só pode constituir-se sobre a base das oposições que diferenciam as pessoas, e se resumirá inteiramente na estrutura dessas oposições”.

Devido ao fator mencionado anteriormente, em um segundo momento, realizaremos uma análise específica, tendo como foco cada pessoa do discurso e suas especificidades, ou seja, faremos uma análise sobre a expressão do sujeito pronominal na 1ª, 2ª e na 3ª pessoa separadamente. Em seguida, compararemos, mais uma vez, os resultados obtidos nas cartas de Oswald e nos postais de Vicente. Assim poderemos observar as especificidades de cada pessoa do discurso, tendo em vista que “as duas primeiras pessoas não estão

no mesmo plano que a terceira, que esta é sempre tratada diferentemente e não como uma verdadeira “pessoa” verbal” (BENVENISTE, 1991, p. 251/252).

Por fim, faremos uma análise comparativa dos nossos resultados com os obtidos por Lira (1988) e Paredes Silva (1988).

Para respondermos às perguntas motivadoras deste capítulo, começaremos por uma análise global da expressão do sujeito pronominal em todo o sistema pronominal nas cartas de Oswald Guimarães e nos postais de Vicente Caetano.

#### 4.1. ANÁLISE GLOBAL DA EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL NO SISTEMA PRONOMINAL

Ao utilizarmos o programa computacional Goldvarb X, observamos que os fatores significativos, seguindo uma ordem de mais significativo, para menos significativo, nas cartas de Oswald Guimarães, foram: ambiguidade, ênfase, estrutura da correspondência, pronome, envolvimento e mudança de referência. Já nos postais de Vicente Caetano, os fatores significativos foram: ambiguidade, ênfase, temática dos trechos dos postais, mudança de referência e envolvimento.

Para melhor visualização da comparação dos fatores selecionados e da ordem de seleção, apresentamos abaixo um quadro comparativo.

Quadro 3 - Quadro comparativo entre Oswald Guimarães e Vicente Caetano das variáveis selecionadas na análise geral, de acordo com a ordem de seleção do programa Goldvarb X

<b>Fatores analisados</b>	<b>Fatores selecionados nas cartas de Oswald e ordem de seleção</b>	<b>Fatores selecionados nos postais de Vicente Caetano e ordem de seleção</b>
Estrutura da carta/postal	3 <sup>a</sup>	-
	-	3 <sup>a</sup>
Temática dos trechos	5 <sup>a</sup>	5 <sup>a</sup>
Envolvimento	4 <sup>a</sup>	-
Pronome	1 <sup>a</sup>	1 <sup>a</sup>
Ambiguidade	2 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup>
Ênfase	6 <sup>a</sup>	4 <sup>a</sup>
Mudança de Referente		

A partir da ordem de seleção, podemos verificar qual fator tem mais força sobre a variável dependente. Constatamos, por exemplo, como esperado, que a estrutura (as seções que dividem uma carta ou um postal) não foi um fator significativo para os postais de Vicente Caetano. Tal resultado se dá, talvez, por conta de os postais terem um tamanho reduzido se comparados com o das cartas, ou pelo fato de as seções não serem tão divididas quanto nas cartas. Outro ponto verificado foi que as temáticas dos tópicos não foram estatisticamente significativas para a expressão preenchida do sujeito pronominal nas cartas de Oswald Guimarães e, por outro turno, o pronome não foi visto como significativo para os postais de Vicente Caetano.

#### 4.1.1. O efeito da ambiguidade na análise global da expressão do sujeito pronominal

Verificamos tanto nas cartas de Oswald quanto nos postais de Vicente que a ambiguidade foi um fator selecionado pelo programa Goldvarb X como o que mais influencia a expressão preenchida do sujeito pronominal.

Vejamos os resultados obtidos nas cartas de Oswald Guimarães e nos postais de Vicente Caetano na tabela abaixo:

TABELA 1- EFEITO DA AMBIGUIDADE SOBRE A EXPRESSÃO PREENCHIDA DO SUJEITO PRONOMINAL

Ambiguidade	Frequência da expressão do sujeito pronominal (Oswald)	Peso Relativo (Oswald)	Frequência da expressão do sujeito pronominal (Vicente)	Peso Relativo (Vicente)
Verbo morfologicamente não ambíguo	8,8% (70/792)	0,421	4,7% (21/448)	0,319
Verbo morfologicamente ambíguo e contexto não ambíguo	16,7% (36/216)	0,589	27,7% (49/177)	0,779
Verbo morfologicamente ambíguo e contexto ambíguo	72,4% (42/58)	<b><u>0,952</u></b>	73% (27/37)	<b><u>0,958</u></b>
Total	13,9% (148/ 1066)	Range: 531  Input: 0,076  Significân cia: 0,020	14,7% (97/66 2)	Range:639  Input:0,073  Significância:  0,019



Analisando os resultados, tanto nas cartas de Oswald como nos postais de Vicente Caetano, observamos que apenas verbos morfologicamente não ambíguos desfavorecem o preenchimento do sujeito pronominal, com peso relativo de 0,421 e 0,319, respectivamente para cada um dos missivistas. Verbos morfologicamente ambíguos favorecem o preenchimento do sujeito pronominal. Os de contexto não ambíguo têm uma força menor do que os de contexto ambíguo para ambos os missivistas, como observamos na tabela acima.

Verificamos que os resultados obtidos corroboram o postulado pela tradição gramatical mas, também, nos remete ao fato de que a forma relativa à expressão preenchida do sujeito pronominal possui a função de evitar a ambiguidade.

Observamos, também, que não apenas a morfologia do verbo é determinante para a expressão preenchida do sujeito. Verbos morfologicamente ambíguos favorecem o preenchimento, porém aqueles que ocorrem em contextos também ambíguos são os que mais sofrem atuação sobre o fenômeno, favorecendo a expressão preenchida do sujeito pronominal.

Outro fator que ratifica o dito pela tradição gramatical é a ênfase, foco do próximo tópico.

#### **4.1.2. O efeito da ênfase na análise global da expressão do sujeito pronominal**

Constatamos tanto nas cartas de Oswald, quanto nos postais de Vicente que a ênfase foi o segundo fator que mais influencia a expressão preenchida do sujeito pronominal.

Vejamos os resultados das cartas de Oswald Guimarães e dos postais de Vicente na tabela abaixo:

TABELA 2- O EFEITO DA ÊNFASE SOBRE A EXPRESSÃO PREENCHIDA DO SUJEITO PRONOMINAL

Ênfase	Frequência da expressão do sujeito pronominal (Oswald)	Peso Relativo (Oswald)	Frequência da expressão do sujeito pronominal (Vicente)	Peso Relativo (Vicente)
<b>Não enfático</b>	10,5% (96/911)	0,430	11,2% (62/555)	0,428
<b>Enfático</b>	33,5% (52/155)	<b><u>0,838</u></b>	32,7% (35/107)	<b><u>0,820</u></b>
<b>Total</b>	13,9% (148/1066)	<b>Range:408</b> <b>Input: 0,076</b> <b>Significância</b> 0,020	14,7% (97/662)	<b>Range:392</b> <b>Input:0,073</b> <b>Significância</b> 0,019

Os contextos considerados, com base em Paredes Silva (1988), não enfáticos inibiram a expressão preenchida do sujeito pronominal nas cartas de Oswald e nos postais de Vicente, tendo percentuais e pesos relativos muito semelhantes. Nas cartas de Oswald Guimarães, com 10,5% e 0,430 em peso relativo, e 11,2% e 0,428, nos postais de Vicente Caetano.

Em contrapartida, os contextos considerados enfáticos favoreceram a expressão preenchida com 33,5% e 0,838 em peso relativo, nas cartas de Oswald e 32,7% e 0,820 em peso relativo nos postais de Vicente Caetano.

Mais uma vez, verificamos que a expressão preenchida do sujeito pronominal, neste caso, teve a função de enfatizar o sujeito, ratificando nossa hipótese inicial. Também aqui tivemos a corroboração da análise proposta pela tradição gramatical, que atribui à expressão preenchida do sujeito pronominal à necessidade de se enfatizar o sujeito.

Outro fator que foi visto como significativo na escrita de Oswald e na de Vicente foi o grau de envolvimento percebido nos trechos, foco da próxima seção.

#### 4.1.3. O efeito do grau de envolvimento na análise global da expressão do sujeito pronominal

Verificamos tanto nas cartas de Oswald quanto nos postais de Vicente que o grau de envolvimento do emissor com a destinatária foi visto como uma restrição significativa na expressão preenchida do sujeito pronominal, como pode ser visto na tabela abaixo:

TABELA 3- O EFEITO DO ENVOLVIMENTO SOBRE A EXPRESSÃO PREENCHIDA DO SUJEITO PRONOMINAL

Envolvimento	Frequência da expressão do sujeito pronominal (Oswald)	Peso Relativo (Oswald)	Frequência da expressão do sujeito pronominal (Vicente)	Peso Relativo (Vicente)
<b>Menor envolvimento</b>	12,4 (90/726)	0,443	11,3% (60/532)	0,460
<b>Maior envolvimento</b>	17,1 (58/340)	<b><u>0,620</u></b>	28,5% (37/130)	<b><u>0,658</u></b>
<b>Total</b>	13,9% (148/ 1066)	<b>Range:177</b> <b>Input: 0,076</b> <b>Significância</b> 0,020	14,7% (97/662)	<b>Range:198</b> <b>Input:0,073</b> <b>Significância</b> 0,019

Os contextos de menor envolvimento desfavoreceram a expressão preenchida do sujeito pronominal, tendo peso relativo de 0,443 nas cartas de Oswald Guimarães e, nos postais de Vicente Caetano, 0,460. Já os contextos considerados de maior envolvimento favoreceram a expressão preenchida com peso relativo de 0,620 nas cartas de Oswald e de 0,658 nos postais de Vicente Caetano.

Tais resultados ratificam nossa hipótese de que, em contexto de maior envolvimento do emissor com a destinatária, denominado como trechos de maior pessoalidade, a expressão do sujeito pronominal é mais preenchida do que quando há um maior afastamento. (BIBER, 1988, p.43- 44)

Outro fator que confirmou nossas hipóteses tanto na escrita de Oswald quanto na de Vicente foi a mudança de referente, que veremos a seguir.

#### **4.1.4. O efeito da mudança de referente na análise global da expressão do sujeito pronominal**

Quanto ao fator mudança de referente, tivemos resultados similares aos de estudos anteriores na escrita dos dois missivistas, como pode ser visto abaixo:

TABELA 4- EFEITO DA MUDANÇA DE REFERENTE SOBRE A EXPRESSÃO PREENCHIDA DO SUJEITO PRONOMINAL EM TODO O SISTEMA PRONOMINAL

<b>Mudança de referente</b>	<b>Frequência da expressão do sujeito pronominal (Oswald)</b>	<b>Peso Relativo (Oswald)</b>	<b>Frequência da expressão do sujeito pronominal (Vicente)</b>	<b>Peso Relativo (Vicente)</b>
<b>Primeira referência</b>	11% (13/118)	<b><u>0,608</u></b>	27,6% (32/116)	<b><u>0,677</u></b>
<b>Antecedido por sintagma nominal</b>	27,8% (5/18)	0,509	-	-
<b>Referência igual</b>	10,6% (52/491)	0,403	9,1% (36/396)	0,420
<b>Mudança de referente</b>	17,8% (78/439)	0,509	19,3 (29/150)	<b><u>0,568</u></b>
<b>Total</b>	13,9% (148/1066)	<b>Range</b> 205 <b>Input:</b> 0,076 <b>Significância:</b> 0,020	14,7% (97/662)	<b>Range:</b> 257 <b>Input:</b> 0,073 <b>Significância:</b> 0,019

Nas cartas de Oswald Guimarães, observamos que apenas os casos relativos à primeira referência favorecem a expressão preenchida do sujeito. Casos de manutenção de referência desfavorecem essa variante.

Diferentemente do encontrado nas cartas de Oswald, nos postais de Oswald, exceto os casos de mesmo referente, os demais favorecem o preenchimento do sujeito.

Nossos resultados são similares aos de estudos anteriores, entre eles o de Paredes Silva (1988), autora que, por outro lado, propõe outra variável: a conexão discursiva. Apesar de reconhecermos a importância dessa variável, por motivos de tempo, não nos foi possível inseri-la em nossa análise.

Mostrados os fatores que foram vistos como significativos na escrita dos dois missivistas, passamos, agora, a mostrar os que foram significativos apenas na escrita de Oswald ou na de Vicente Caetano.

#### 4.1.5. O efeito da estrutura da carta na análise global da expressão do sujeito pronominal nas cartas de Oswald Guimarães

Assim como estudos anteriores apontaram, conforme visto anteriormente na descrição desse fator, observamos nas cartas de Oswald Guimarães que as seções de contato inicial e de despedida da carta são padronizadas e, portanto, com menos expressão preenchida de sujeito. Por outro turno, o assunto central da carta é a seção com maior expressão preenchida. Uma das motivações pode estar relacionada ao momento em que o missivista escreve sobre fatos familiares, pessoais, de maior envolvimento, daí a necessidade de maior expressão do sujeito pronominal. Tais resultados podem ser vistos na tabela abaixo:

TABELA 5- EFEITO DA ESTRUTURA DA CARTA SOBRE A EXPRESSÃO PREENCHIDA DO SUJEITO PRONOMINAL EM TODO O SISTEMA NAS CARTAS DE OSWALD GUIMARÃES

<b>Estrutura</b>	<b>Frequência da expressão do sujeito pronominal</b>	<b>Peso Relativo</b>
Contato inicial	3,9% (4/102)	0,118
Assunto central da carta	15,4% (138/894)	0,570
Despedida	8,6% (6/70)	0,333
<b>Total</b>	<b>13,9% (148/ 1066)</b>	<b>Range:452 Input: 0,076 Significância: 0,020</b>

Outro fator significativo apenas para a escrita de Oswald foi o pronome, foco da próxima seção.

#### 4.1.6. O efeito do pronome na análise global da expressão do sujeito pronominal nas cartas de Oswald Guimarães

Em nossos resultados observamos que o sujeito pronominal foi mais preenchido quando o pronome era *eu*, *vocês* e *ele*. Já os que desfavoreceram foram: *nós*, *tu*, *você* e *eles*, como pode ser visto na tabela abaixo:

TABELA 6- EFEITO DO PRONOME SOBRE A EXPRESSÃO PREENCHIDA DO SUJEITO PRONOMINAL EM TODO O SISTEMA, NAS CARTAS DE OSWALD GUIMARÃES

Pronome	Frequência da expressão do sujeito pronominal	Peso Relativo
Eu	13,4% (85/632)	0,595
Nós	3,6% (4/110)	0,247
Tu	3,3% (4/123)	0,175
Você	22,7% (17/75)	0,455
Vocês	50% (4/8)	0,918
Ele	31,7% (32/101)	0,654
Eles	11,8% (2/17)	0,492
<b>Total</b>	<b>13,9% (148/ 1066)</b>	<b>Range:743</b> <b>Input: 0,076</b> <b>Significância: 0,020</b>

Esses resultados mostram que os verbos que possuem marca morfológica, como é o caso da primeira pessoa do plural, que tem a marca de *-mos*, tiveram menos expressão preenchida. Entretanto, muitos dos verbos relativos à primeira pessoa

do singular (eu) também apresentam marca morfológica de pessoa, porém observamos que esta não é uma pessoa que favorece o sujeito nulo. É importante ressaltar que esse fator possui correlações fortíssimas com a ambiguidade<sup>8</sup>, a qual avalia sua extensão, observando o contexto discursivo.

Um fator que foi considerado significativo para a expressão preenchida do sujeito pronominal foi a temática dos trechos do texto, significativo apenas na escrita de Vicente Caetano.

#### 4.1.7. O efeito do tema do trecho na análise global da expressão do sujeito pronominal nos postais de Vicente Caetano

A temática dos trechos foi outro fator significativo apenas na escrita de Vicente Caetano, tendo confirmado nossa hipótese de que os temas considerados subjetivos, como pedidos e amor, foram os que mais favorecem a expressão preenchida, tendo peso relativo 0,743. Em contrapartida, os temas mais objetivos, como negócios e notícias, desfavorecem a expressão preenchida, com peso relativo de 0,477.

TABELA 7- EFEITO DA TEMÁTICA DO TRECHO SOBRE A EXPRESSÃO PREENCHIDA DO SUJEITO PRONOMINAL EM TODO O SISTEMA, NOS POSTAIS DE VICENTE CAETANO

<b>Temática dos trechos</b>	<b>Frequência da expressão do sujeito pronominal</b>	<b>Peso Relativo</b>
Objetivo	13,1% (80/610)	0,477
Subjetivo	32,7% (17/52)	0,743
<b>Total</b>	14,7% (97/662)	<b>Range:266</b> <b>Input:0,073</b> <b>Significância:0,019</b>

<sup>8</sup> Ver apêndices.



Após mostrarmos especificamente as influências dos grupos de fatores sobre a expressão do sujeito pronominal nos postais e nas cartas, fizemos uma análise comparativa entre as cartas de Oswald e os postais de Vicente sobre a frequência da expressão sujeito pronominal, com o foco em todo o sistema pronominal. Assim, almejávamos observar se a expressão se comportava de maneira semelhante em todo o sistema pronominal na escrita de ambos os missivistas, em termos de frequência, uma vez que não foi um fator selecionado pelo programa para os postais de Vicente Caetano. Por não ter sido um fator visto pelo programa como significativo, não foi possível compararmos em peso relativo, por isso, a comparação se dará apenas em percentual.

#### **4.1.8. Análise comparativa da expressão do sujeito pronominal no sistema pronominal**

Observamos que nos postais de Vicente não houve muita variação quanto aos pronomes, havendo apenas ausência de expressão preenchida de sujeito pronominal nos pronomes *nós*, *tu* e *eles*. Houve apenas um caso de *vocês*, sendo ele preenchido. Também não foram encontrados casos do pronome *vós*. Esse pode ter sido o fato que influenciou a não seleção pelo programa Goldvarb X como significativa.

TABELA 8- FREQUÊNCIA DA EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL POR PRONOME EM UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS MISSIVISTAS OSWALD E VICENTE

<b>Pronome</b>	<b>Cartas de Oswald</b>	<b>Postais de Vicente</b>
Eu	13,4% (85/632)	8,7% (45/515)
Nós	3,6% (4/110)	- (0/7)
Tu	3,3% (4/123)	- (0/4)
Você	22,7% (17/75)	61,2% (30/49)
Vós	- (0/22)	-
Vocês	50% (4/8)	100% (1/1)
Ele	31,7% (32/101)	19,5 (22/113)
Eles	11,8% (2/17)	-(0/11)
<b>Total</b>	<b>13,6% (148/ 1088)</b>	<b>14% (98/700)</b>

#### 4.2. ANÁLISE DA EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL NA PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR

Ao fazermos nossa análise, observamos primeiramente a ordem de seleção dos fatores vistos, pelo programa, como condicionantes para a expressão preenchida do sujeito pronominal. Os fatores vistos como mais significativos, seguindo a ordem de seleção, nas cartas de Oswald Guimarães, foram: ênfase, ambiguidade, mudança de referente e envolvimento. Nos postais de Vicente Caetano, a ordem foi a seguinte: ambiguidade, ênfase e temática dos trechos.

Para melhor visualização e comparação dos fatores selecionados, seguindo a ordem de seleção, segue abaixo um quadro comparativo.

Quadro 4- Quadro comparativo, entre Oswald e Vicente, de variáveis selecionadas, seguindo a ordem de seleção do programa Gold VarbX na análise da 1ª pessoa do singular

<b>Fatores analisados</b>	<b>Fatores selecionados nas cartas de Oswald, ordem de seleção</b>	<b>Fatores selecionados nos postais de Vicente Caetano, ordem de seleção</b>
Estrutura	-	-
Temática dos Trechos	-	3º
Envolvimento	4º	-
Ambiguidade	2º	1º
Ênfase	1º	2º
Mudança de referente	3º	-

#### **4.2.1. A influência da ênfase sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal na 1ª pessoa do singular**

A ênfase foi uma variável considerada significativa na escrita dos dois missivistas, tendo resultados semelhantes. Os resultados ratificaram nossas hipóteses e os de pesquisas anteriores: contextos não enfáticos desfavorecem a expressão preenchida do sujeito pronominal e, por consequência, contextos enfáticos favorecem a expressão do sujeito pronominal.

Levando-se em conta a primeira pessoa do singular, vemos na primeira pessoa a exaltação do emissor das cartas, ao mostrar sua opinião a respeito de algo, como pode ser visto nos seguintes trechos: “Meu bem, *eu* sei que é feio um homem ser chorão”. “*Eu*, apesar do serviço estar relativamente adiantado, ainda ponho duvidas que fique prompto a tempo”. Fator semelhante ao tratado por Benveniste (1991), ao mencionar que a primeira pessoa é atuante do discurso. Também é importante ressaltar que a atividade atuante da primeira pessoa do discurso em expor constantemente sua opinião está correlacionada à natureza dos postais e das cartas, que é um gênero discursivo característico de troca de mensagens entre a primeira e a segunda pessoa, podendo, em alguns casos, encontrar-se a terceira pessoa.

Quanto aos resultados, observamos que são muito similares para ambos os missivistas. Também ratificam os encontrados para todo o sistema pronominal e o postulado pela tradição gramatical.

TABELA 9- O EFEITO DA ÊNFASE SOBRE A EXPRESSÃO PREENCHIDA DA 1ª PESSOA DO SINGULAR

Ênfase	Frequência da expressão do sujeito pronominal  (Oswald)	Peso Relativo (Oswald)	Frequência da expressão do sujeito pronominal  (Vicente)	Peso Relativo (Vicente)
<b>Não enfático</b>	9,6% (47/492)	0,419	6% (26/432)	0,440
<b>Enfático</b>	35,2% (38/108)	<b><u>0,816</u></b>	22,9% (19/83)	<b><u>0,777</u></b>
<b>Total</b>	14,2% (85/600)	Range:397 Input:0,103	8,7% (45/470)	Range:337 Input:0,051
		Significância:0,031		Significância:0,005

Outro fator visto como significativo na escrita dos dois missivistas foi a ambiguidade, foco da próxima seção

#### 4.2.2. A influência da ambiguidade sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal na 1ª pessoa do singular

Semelhantemente ao visto no tópico anterior, a ambiguidade confirmou nossas hipóteses de que os verbos morfológicamente não ambíguos desfavorecem a expressão preenchida, enquanto os morfológicamente ambíguos favorecem a expressão preenchida, sendo intensificada a frequência de expressão a

dependem do contexto, isto é, verbos morfologicamente ambíguos em contextos mais ambíguos necessitam de mais expressão do que em contextos menos ambíguos.

Abaixo podemos ver os resultados relativos à escrita de Oswald e Vicente:

TABELA 10- O EFEITO DA AMBIGUIDADE NA ANÁLISE DA EXPRESSÃO PREENCHIDA DO SUJEITO PRONOMINAL 1ª PESSOA

<b>Ambiguidade</b>	<b>Frequência da expressão do sujeito pronominal (Oswald)</b>	<b>Peso (Oswald)</b>	<b>Relativo</b>	<b>Frequência da expressão do sujeito pronominal (Vicente)</b>	<b>Peso Relativo (Vicente)</b>
<b>Verbo morfologicamente menos ambíguo</b>	11,9% (63/530)	0,465		4,7 % (21/427)	0,421
<b>Verbo morfologicamente mais ambíguo e contexto menos ambíguo</b>	15,7% (8/51)	0,596		28,1% (16/57)	0,853
<b>Verbo morfologicamente mais ambíguo e contexto ambíguo</b>	73,7% (14/19)	<b><u>0,948</u></b>		80% (8/10)	<b><u>0,986</u></b>
<b>Total</b>	14,2% (85/600)	Range:483 Input:0,103 Significância:0,031		8,7% (45/470)	Range: 565 Input: 0,051 Significância: 0,005

Após mostrarmos os fatores considerados significativos na escrita de Oswald e Vicente Caetano, agora mostraremos os fatores que foram significativos apenas na escrita do Oswald.

### 4.2.3. A influência da mudança de referente sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal na 1ª pessoa do singular nas cartas de Oswald Guimarães

Em nossos resultados, diferentemente do encontrado por Paredes Silva (1988, p.156), a variável mudança de referente foi considerada significativa para a 1ª pessoa do discurso. Verificamos que o referente diferente favorece a expressão preenchida, com peso relativo de 0,643. Por outro lado, a referência igual à anterior desfavorece a expressão do sujeito pronominal, com peso relativo de 0,423, como pode ser visto na tabela abaixo.

TABELA 11- EFEITO DA MUDANÇA DE REFERENTE SOBRE A EXPRESSÃO PREENCHIDA DO SUJEITO PRONOMINAL NA PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR NAS CARTAS DE OSWALD GUIMARÃES

<b>Mudança de referente</b>	<b>Frequência da expressão do sujeito pronominal</b>	<b>Peso Relativo</b>
Referente igual	10,2% (40/393)	0,423
Mudança de referente	21,7% (45/207)	0,643
<b>Total</b>	14,2% (85/600)	<b>Range: 220</b> <b>Input: 0,103</b> <b>Significância:</b> 0,031

Outro fator que confirmou nossas hipóteses foi o grau de envolvimento do emissor com a destinatária, tema da próxima seção.



#### 4.2.4. A influência do grau de envolvimento sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal na 1ª pessoa do singular nas cartas de Oswald Guimarães

Verificamos que, nos contextos de maior envolvimento do missivista com a destinatária, a expressão do sujeito pronominal é mais preenchida, tendo peso relativo de 0,605. Já quando há um maior afastamento, a expressão preenchida foi desfavorecida, com peso relativo de 0,456.

TABELA 12 - EFEITO DO GRAU DE ENVOLVIMENTO SOBRE A EXPRESSÃO PREENCHIDA DO SUJEITO PRONOMINAL NA PRIMEIRA PESSOA DO DISCURSO, NAS CARTAS DE OSWALD GUIMARÃES

<b>Envolvimento</b>	<b>Frequência da expressão do sujeito pronominal</b>	<b>Peso Relativo</b>
Menor envolvimento	11,1% (47/425)	0,456
Maior envolvimento	21,7% (38/175)	0,605
<b>Total</b>	14,2% (85/600)	<b>Range: 149</b> <b>Input: 0,103</b> <b>Significância: 0,031</b>

Apresentados os fatores significativos apenas para a escrita de Oswald, passamos a seguir tratar do fator que foi significativo apenas para a escrita de Vicente, a temática dos trechos dos postais.

#### 4.2.4. A influência da temática do trecho sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal na 1ª pessoa do singular nos postais de Vicente Caetano

A temática dos trechos dos postais foi outro fator que confirmou nossas hipóteses iniciais: os temas considerados subjetivos, que foram os de temáticas relacionados a pedidos e amor, temas considerados mais pessoais, de maior envolvimento do missivista com a destinatária, foram os que mais favoreceram a expressão preenchida, com peso relativo de 0,832. Já os temas mais objetivos, considerados os que versavam sobre negócios e notícias, foram os que mais desfavoreceram a expressão preenchida, com peso relativo de 0,468.

TABELA 13- EFEITO DA TEMÁTICA DO TRECHO DOS POSTAIS SOBRE A EXPRESSÃO PREENCHIDA DO SUJEITO PRONOMINAL DE PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR, NOS POSTAIS DE VICENTE CAETANO

<b>Temática dos trechos</b>	<b>Frequência da expressão do sujeito pronominal</b>	<b>Peso Relativo</b>
Objetivo	8% (38/477)	0,468
Subjetivo	18,4% (7/38)	0,832
<b>Total</b>	8,7% (45/470)	<b>Range: 364</b> <b>Input: 0,051</b> <b>Significância: 0,005</b>

#### 4.3. ANÁLISE DA EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL NA SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR- VOCÊ

Na análise da segunda pessoa do singular, por optarmos fazer uma análise comparativa dos resultados de ambos os missivistas, retiramos da rodada os casos de *tu*, uma vez que a variação de preenchimento e não preenchimento se dá apenas na escrita de Oswald, enquanto os casos de Vicente Caetano são sempre ausentes.

Constatamos em nossa análise que poucos fatores foram considerados significativos para a expressão preenchida do sujeito pronominal. Na escrita de Oswald, observamos que os fatores condicionantes foram ambiguidade e grau de envolvimento. Por outro lado, para a escrita de Vicente Caetano, apenas o grau de envolvimento foi estatisticamente significativo.

Abaixo segue a relação de fatores analisados, selecionados e a ordem de seleção.

Quadro 5- Quadro comparativo, entre Oswald e Vicente, de variáveis selecionadas, seguindo a ordem de seleção do programa Goldvarb X na análise da 2ª pessoa do singular (você)

<b>Fatores analisados</b>	<b>Fatores selecionados nas cartas de Oswald, ordem de seleção</b>	<b>Fatores selecionados nos postais de Vicente Caetano, ordem de seleção</b>
Estrutura	-	-
Temática dos Trechos	-	-
Grau de envolvimento	2º	1º
Pronome	-	-
Ambiguidade	1º	-
Ênfase	-	-
Mudança de referente	-	-

Posto o quadro, passamos agora aos resultados específicos de cada fator.

#### **4.3.1. A influência do grau de envolvimento sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal na 2ª pessoa do singular- pronome você**

O envolvimento foi o único fator selecionado como significativo para a expressão preenchida de segunda pessoa do singular (você) na escrita dos dois missivistas.

Os resultados apontaram que os contextos considerados por nós como os mais pessoais, ou seja, os contextos de maior envolvimento do emissor com a destinatária, a expressão do sujeito pronominal é mais preenchida, tendo peso relativo de 0,610 nos postais de Vicente Caetano e 0,711, nas cartas de Oswald Guimarães.

Abaixo segue a tabela referente aos resultados de Oswald e Vicente:

TABELA 14- EFEITO DO GRAU DE ENVOLVIMENTO SOBRE A EXPRESSÃO PREENCHIDA DO SUJEITO PRONOMINAL NA 2ª PESSOA DO SINGULAR

<b>Envolvimento</b>	<b>Frequência da expressão do sujeito pronominal (Oswald)</b>	<b>Peso Relativo (Oswald)</b>	<b>Frequência da expressão do sujeito pronominal (Vicente)</b>	<b>Peso Relativo (Vicente)</b>
<b>Menor envolvimento</b>	13,8% (4/29)	0,193	41,2% (7/17)	0,301
<b>Maior envolvimento</b>	28,3% (13/46)	<b><u>0,711</u></b>	71,9% (23/32)	<b><u>0,610</u></b>
<b>Total</b>	22,7% (17/75)	Range: 518 Input: 0,154 Significância: 0,009	61,2% (30/49)	Range: 309 Input: 0,620 Significância: 0,040

Outro fator visto como significativo para a expressão preenchida do sujeito pronominal é a ambiguidade, foco do próximo tópico.

#### **4.3.2. A influência da ambiguidade sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal na 2ª pessoa do singular (você) nas cartas de Oswald Guimarães**

A ambiguidade, diferentemente do que ocorreu na primeira pessoa do singular ou na análise de todo o sistema pronominal, foi um fator significativo apenas para a escrita de Oswald Guimarães. Os resultados quanto à ambiguidade ratificaram

nossas hipóteses: verbos morfologicamente ambíguos e de contexto ambíguo favorecem a expressão preenchida, tendo peso relativo de 0,959.

Segue abaixo a tabela do resultado da ambiguidade na escrita de Oswald:

TABELA 15- EFEITO DA AMBIGUIDADE CONTEXTUAL SOBRE A EXPRESSÃO PREENCHIDA DO SUJEITO PRONOMINAL NA SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR NAS CARTAS DE OSWALD GUIMARÃES

Ambiguidade	Frequência da expressão do sujeito pronominal	Peso Relativo
Contexto menos ambíguo	12,9% (8/62)	0,341
Contexto ambíguo	69,2% (9/13)	0,959
<b>Total</b>	22,7% (17/75)	<b>Range: 618</b> <b>Input: 0,154</b> <b>Significância:</b> 0,009

Após a análise dos fatores selecionados na primeira e segunda pessoa do singular, passamos, a seguir, analisar a terceira pessoa do singular.

#### 4.4. ANÁLISE DA EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL NA TERCEIRA PESSOA DO SINGULAR

Na análise da terceira pessoa do singular, acrescentamos um novo fator, a animacidade do sujeito, fator restrito à terceira pessoa. Os fatores selecionados, na escrita de Oswald, foram apenas dois: ambiguidade e animacidade. Por outro turno, na escrita de Vicente Caetano, os fatores significativos foram cinco: ambiguidade, temática dos trechos, animacidade, ênfase e mudança de referente.

Para melhor visualização da ordem de seleção dos fatores, segue abaixo um quadro expositivo:

Quadro 6- Quadro comparativo, entre Oswald e Vicente, de variáveis selecionadas, seguindo a ordem de seleção do programa Gold VarbX na análise da 3ª pessoa do singular

<b>Fatores analisados</b>	<b>Fatores selecionados nas cartas de Oswald, ordem de seleção</b>	<b>Fatores selecionados nos postais de Vicente Caetano, ordem de seleção</b>
Estrutura dos postais	-	-
Temática dos trechos	-	2º
Grau de envolvimento	-	-
Pronome	-	-
Ambiguidade	1º	1º
Ênfase	-	4º
Mudança de referente	-	5º
Animacidade	2º	3º

#### **4.4.1. A influência da ambiguidade sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal na 3ª pessoa do singular**

O efeito da ambiguidade para a expressão preenchida do sujeito pronominal na terceira pessoa do discurso também ficou em conformidade com nossas hipóteses iniciais: em contextos ambíguos, quando há dúvidas de quem é o sujeito, há mais expressão preenchida. Tal motivação para se preencher o sujeito foi significativa na escrita de ambos os missivistas: na escrita de Oswald Guimarães, teve peso relativo de 0,876 e na de Vicente Caetano, 0,916, conforme pode ser visto na tabela abaixo.

TABELA 16- EFEITO DA AMBIGUIDADE CONTEXTUAL SOBRE A EXPRESSÃO PREENCHIDA DO SUJEITO PRONOMINAL NA TERCEIRA PESSOA DO SINGULAR

Ambiguidade	Frequência da expressão do sujeito pronominal (Oswald)	Peso Relativo do (Oswald)	Frequência da expressão do sujeito pronominal (Vicente)	Peso Relativo (Vicente)
<b>Contexto menos ambíguo</b>	19,2% (15/78)	0,360	19,8% (18/91)	0,454
<b>Contexto ambíguo</b>	73,9% (17/23)	<b><u>0,876</u></b>	57,1% (4/7)	<b><u>0,916</u></b>
<b>Total</b>	31,7% (32/101)	Range: 516 Input: 0,274 Significância: 0,028	22,4% (22/98)	Range: 462 Input: 0,131 Significância: 0,014

Outro fator que influenciou a expressão preenchida dos dois missivistas foi a animacidade do sujeito, foco da próxima seção.

#### 4.4.2. A influência da animacidade do sujeito sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal na 3ª pessoa do singular nos postais de Vicente Caetano

A animacidade atendeu a nossas hipóteses de que os referentes animados são mais retomados pela expressão preenchida, enquanto os referentes menos animados desfavorecem essa variante.



Na escrita de Oswald, a influência de referentes animados teve peso relativo de 0,573, já na escrita de Vicente essa influência sobre a expressão preenchida teve peso relativo de 0,703, como pode ser visto na tabela abaixo:

TABELA 17- EFEITO DA ANIMACIDADE SOBRE A EXPRESSÃO PREENCHIDA DO SUJEITO PRONOMINAL DE TERCEIRA PESSOA DO SINGULAR

<b>Animacidade</b>	<b>Frequência da expressão do sujeito pronominal (Oswald)</b>	<b>Peso Relativo (Oswald)</b>	<b>Frequência da expressão do sujeito pronominal (Vicente)</b>	<b>Peso Relativo (Vicente)</b>
<b>Referente</b>	7,1% (1/14)	0,140	12,5% (3/24)	0,065
<b>[- animado]</b>				
<b>Referente</b>	35,6% (31/87)	<b><u>0,573</u></b>	25,7% (19/74)	<b><u>0,703</u></b>
<b>[+ animado]</b>				
<b>Total</b>	31,7% (32/101)	Range: 433 Input: 0,274 Significância: 0,028	22,4% (22/98)	Range: 638 Input: 0,131 Significância: 0,014

Após apresentarmos os resultados significativos na escrita dos dois missivistas, passaremos nas próximas seções a apresentar os resultados significativos apenas para a escrita de Vicente Caetano.

#### 4.4.3. A influência da temática dos trechos sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal na 3ª pessoa do singular nos postais de Vicente Caetano

A temática dos trechos dos postais foi um fator considerado significativo para a expressão do sujeito pronominal de terceira pessoa do singular apenas na escrita de Vicente Caetano, tendo confirmado as hipóteses iniciais, ou seja, observamos que os temas subjetivos, pedidos e amor, favorecem a expressão preenchida, tendo peso relativo de 0,991. Por outro lado, os temas objetivos, negócios e notícias, desfavorecem a expressão preenchida, com peso relativo de 0,437, como pode ser visto na tabela abaixo:

TABELA 18- EFEITO DA TEMÁTICA DO TRECHO SOBRE A EXPRESSÃO PREENCHIDA DO SUJEITO PRONOMINAL DE TERCEIRA PESSOA DO SINGULAR NOS POSTAIS DE VICENTE CAETANO

<b>Temática dos trechos</b>	<b>Frequência da expressão do sujeito pronominal</b>	<b>Peso Relativo</b>
Objetivo	20,4% (19/93)	0,437
Subjetivo	60% (3/5)	0,991
<b>Total</b>	22,4% (22/98)	<b>Range: 554</b> <b>Input: 0,131</b> <b>Significância: 0,014</b>

Outra variável considerada significativa para o preenchimento do sujeito pronominal de 3ª pessoa do singular, apenas na escrita de Vicente Caetano, foi a ênfase, foco do próximo tópico.

#### 4.4.4. A influência da ênfase sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal na 3ª pessoa do singular nos postais de Vicente Caetano

A ênfase foi um fator significativo na escrita de Vicente Caetano. Os resultados confirmam nossa hipótese de que os contextos não enfáticos desfavorecem a expressão preenchida do sujeito pronominal de terceira pessoa do singular, tendo peso relativo de 0,422. Por outro lado, os contextos considerados enfáticos favorecem a expressão preenchida do sujeito pronominal de terceira pessoa do singular, tendo peso relativo de 0,867.

TABELA 19- EFEITO DA ÊNFASE SOBRE A EXPRESSÃO PREENCHIDA DO SUJEITO PRONOMINAL DE TERCEIRA PESSOA DO SINGULAR, NOS POSTAIS DE VICENTE CAETANO

<b>Ênfase</b>	<b>Frequência da expressão do sujeito pronominal</b>	<b>Peso Relativo</b>
Não enfático	19% (16/84)	0,422
Enfático	42,9% (6/14)	0,867
<b>Total</b>	22,4% (22/98)	<b>Range: 445</b> <b>Input: 0,131</b> <b>Significância: 0,014</b>

A mudança de referente foi também uma variável significativa para a expressão preenchida do sujeito pronominal de 3ª pessoa do singular na escrita de Vicente Caetano, foco da próxima seção.

#### 4.4.5. A influência da mudança de referente sobre a expressão preenchida do sujeito pronominal na 3ª pessoa do singular nos postais de Vicente Caetano

A mudança de referente, variável muito estudada nas análises de expressão do sujeito pronominal, como mostrado anteriormente, seguiu o padrão dos

resultados de estudos anteriores, ratificando, dessa maneira, nossa hipótese de que o sujeito seria mais preenchido na primeira referência e quando o referente é diferente. Em contrapartida, quando a referência permanece a mesma, a expressão do sujeito pronominal é menos preenchida, conforme pode ser visto na tabela abaixo.

**TABELA 20- EFEITO DA MUDANÇA DE REFERENTE SOBRE A EXPRESSÃO PREENCHIDA DO SUJEITO PRONOMINAL DE TERCEIRA PESSOA DO SINGULAR, NOS POSTAIS DE VICENTE CAETANO**

<b>Mudança de referente</b>	<b>Frequência da expressão do sujeito pronominal</b>	<b>Peso Relativo</b>
1ª referência	31% (9/ 29)	0,718
Referente igual	10,8% (4/37)	0,243
Mudança de referente	28,1% (9/32)	0,615
<b>Total</b>	<b>22,4% (22/98)</b>	<b>Range: 475 Input: 0,131 Significância: 0,014</b>

Postos os resultados e sua análise, passamos, na próxima seção, a comparar os resultados mostrados nesta seção com os de outras pesquisadoras.

#### 4.5. ANÁLISE COMPARATIVA

Nesta seção iremos, com base nos resultados já apresentados neste capítulo, compararmos nossos resultados com os de outros estudos. Primeiramente faremos uma comparação com os resultados gerais dos dados de Lira (1988) e, posteriormente, compararemos nossos resultados através de uma análise específica por pessoa do discurso.

Voltemos agora à comparação da análise dos resultados gerais.

##### 4.5.1. Análise comparativa geral dos dados

Lira (1988), conforme mostrado no primeiro capítulo, analisou o sujeito pronominal em um *corpus* de texto escrito, cartas familiares.

As cartas por ela analisadas se afastam um pouco das cartas e dos postais por nós analisados, uma vez que as de Lira são de cunho familiar e as nossas, de cunho romântico. Contudo, mesmo assim, tivemos o interesse em comparar nossos resultados com os da autora, para verificar semelhanças ou diferenças no índice global dos dados.

Ao compararmos nossos resultados aos de Lira, verificamos índices muito similares na frequência geral de expressão de sujeito pronominal preenchida: em ambos os estudos, há um baixo índice de expressão preenchida. Nos resultados de Lira, há 22% de expressão preenchida, e, em nossos resultados, há uma variação de 13,9%, nas cartas de Oswald e 14,7% nos postais de Vicente.

De maneira geral, a expressão do sujeito pronominal preenchida teve frequência baixa tanto neste estudo, quanto nos de Lira, por isso a importância de se fazer uma análise em que se veja além da frequência geral.

<b>Autora</b>	<b>Frequência de expressão preenchida do sujeito pronominal</b>
Lira (1988, Cf. p.33) – Cartas familiares	22% (86/400)
Cartas de Oswald	13,9% (148/1066)
Postais de Vicente	14,7% (97/ 662)

A seguir passamos para a comparação da análise por pessoa do discurso.

#### **4.5.2. Análise comparativa por pessoa do discurso**

Paredes Silva (1988) analisou, em sua tese, cartas pessoais mais atuais que as nossas, já que as analisadas pela referida autora datam dos anos de 1979 a 1984, enquanto as nossas cartas são da década de 1910 e 1920, e os postais são da década de 1950.

Apesar de as cartas do nosso estudo se afastarem sincronicamente das analisadas por Paredes Silva, um dos objetivos da presente pesquisa era, justamente, comparar resultados com a finalidade em observar semelhanças ou diferenças no índice da expressão do sujeito. No caso em questão, a autora fez sua análise com o foco nas pessoas do discurso, observando suas especificidades, tipo de análise também por nós realizada. Sendo assim, foi possível compararmos nossos resultados.

Como podemos notar na tabela abaixo através da frequência da expressão do sujeito pronominal, os resultados referentes à escrita de Vicente Caetano seguem a ordem de menor para maior preenchimento, porém com percentuais diferentes. Em outras palavras, a escrita de Vicente Caetano segue o padrão dos resultados obtidos nas cartas analisadas por Paredes Silva (1988): a primeira do discurso é a que menos tem expressão preenchida, a segunda pessoa do discurso, o a que mais tem expressão preenchida, e a 3ª pessoa do discurso está no nível intermediário.

TABELA 21- TABELA COMPARATIVA DE RESULTADOS QUANTO A EXPRESSÃO PREENCHIDA DO SUJEITO PRONOMINAL

Pessoas do discurso	do	<b>Cartas De Oswald</b>	<b>Postais De Vicente</b>	<b>Paredes Silva (1988, cf. 295)- Cartas</b>
1ª pessoa do discurso		14,2%	8,7	23%
2ª pessoa do discurso		22,7%	61,2%	70%
3ª pessoa do discurso		31,7%	22,4%	50%

Nas cartas de Oswald, é verificada, assim como nas cartas de Paredes Silva (1988) e nos postais de Vicente, que a primeira pessoa do discurso é a menos preenchida, se comparada com as demais pessoas.

A comparação, no entanto, muda nas demais pessoas. Nas cartas de Oswald, a terceira pessoa foi a que mais teve expressão preenchida, tendo a segunda pessoa do discurso no nível intermediário. Ressaltamos que, apesar do Oswald utilizar em sua escrita o pronome *tu*, diferentemente do encontrado nas demais amostras, ou seja, o missivista alternava entre *tu* e *você* na segunda pessoa do discurso, optamos por retirar da análise os casos de *tu*, para fins comparativos. Contudo, tal fator pode, talvez, ter influenciado a diferença entre os resultados obtidos para efeito de comparação.

Outro motivo para a diferença encontrada pode se dar pelo fato de que os missivistas das cartas analisadas por Paredes Silva (1988) tinham alto grau de escolaridade, semelhante a Vicente Caetano (vide capítulo 2). Oswald, porém, diferentemente do que ocorria com os demais missivistas, possuía apenas ensino fundamental.

#### 4.6. RECAPITULANDO...

Neste capítulo apresentamos os resultados da pesquisa, mostrando se caminhavam de acordo com as hipóteses iniciais. Posteriormente, fizemos uma breve comparação dos resultados encontrados aqui com os de outros estudos que havíamos explanado no capítulo 1.

A seguir faremos nossas considerações finais do estudo feito.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa fizemos um estudo da variação da expressão do sujeito pronominal na escrita pessoal de homens capixabas de mesma classe social, isto é, homens que faziam parte da elite capixaba e que participavam ativamente da vida política. Entretanto, apresentam diferenças de escolaridade: Vicente Caetano possuía ensino superior e Oswald Guimarães havia concluído parte do equivalente ao atual ensino fundamental. Apesar dessa diferença tão grande do nível de escolaridade, observamos, ao comparar a atuação dos fatores sobre o fenômeno, resultados semelhantes.

Esse estudo, cuja a teoria norteadora é Sociolinguística Variacionista, investigou a atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos o preenchimento do sujeito pronominal. Com a análise das cartas de Oswald Cruz Guimarães e os postais de Vicente Caetano, analisamos um total de 1788 dados de ocorrências de sujeito pronominal.

Observamos na distribuição geral das variantes uma proeminência da variante padrão, tendo, portanto, índices baixos de expressão preenchida do sujeito pronominal, com 13,9% na escrita de Oswald e 14,7% na de Vicente. Esse resultado assemelha-se ao encontrado por Lira (1988), ao analisar cartas familiares, tendo esta encontrada a expressão preenchida em 22% dos casos.

No tocante às pessoas e o índice de expressão preenchida, tivemos muita semelhança dos resultados da escrita de Vicente Caetano com os de Paredes Silva (1988), mostrando uma tendência de maior preenchimento da 2ª pessoa, seguida da terceira e, por fim, a primeira pessoa do discurso. Os resultados de Oswald Cruz Guimarães, por outro turno, apontam um maior preenchimento da 3ª, seguido da segunda e da 1ª.

Verificamos neste estudo, consoante ao recomendado pela tradição gramatical, que a ênfase é um fator que muito influenciou a expressão preenchida do sujeito pronominal, conforme já apontado na literatura, tendo significância na escrita dos dois missivistas na análise geral dos dados e na análise da 1ª pessoa do singular.

Já na análise da 3ª pessoa do singular, a ênfase foi selecionada somente na escrita de Vicente.

Outro fator muito importante em nossos resultados é a ambiguidade, fator também mencionado pela tradição gramatical como desejável para que não haja dúvidas sobre quem seja o sujeito, sendo significativo na escrita dos dois missivistas na análise geral dos dados, na análise da 1ª pessoa do singular e na análise da 3ª pessoa do singular. Na segunda pessoa do singular, tal fator influenciou apenas a escrita de Oswald.

O tema dos trechos das correspondências, variável nova estudada, foi um fator que influenciou a expressão preenchida do sujeito pronominal apenas nos postais de Vicente Caetano, com influência na análise geral, na primeira pessoa do singular e na terceira pessoa do singular.

O grau de envolvimento, também sendo variável nova estudada, teve relevância na escrita dos dois missivistas na análise geral e na análise da segunda pessoa do singular. Na primeira pessoa do singular, tal fator foi significativo apenas na escrita de Oswald.

A estrutura da carta ou do postal só foi de fato condicionadora para a expressão preenchida do sujeito pronominal nas cartas de Oswald Guimarães na análise geral dos pronomes.

O pronome, fator estudado na análise geral, foi condicionador para expressão preenchida apenas na escrita de Oswald.

A mudança de referente, variável estudada por Lira (1988) e Paredes Silva (1988), foi condicionadora na análise geral do sistema pronominal na escrita dos dois missivistas, na primeira pessoa do singular somente na escrita de Oswald, e na escrita de Vicente na terceira pessoa do singular.

Por fim, a variável animacidade do sujeito, restrita à terceira pessoa do discurso, mostrou que referentes animados favorecem a expressão preenchida na escrita de Vicente Caetano e de Oswald Guimarães.

A partir dos resultados pudemos, além de comparar nossos resultados com os de outros estudos, e ver quais fatores influenciam a expressão preenchida,

observamos, também, em consonância com outras pesquisadoras, que os contextos considerados pela tradição gramatical como importantes para a expressão preenchida, são os mais atuantes: utiliza-se mais frequentemente o sujeito pronominal explícito quando se quer enfatizar o sujeito, ou quando se quer evitar ambiguidade. Esses dois fatores, mencionados frequentemente na tradição gramatical, foram significativos, de fato, em nossos dados para a expressão preenchida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. 1961- **Gramática de bolso do português brasileiro**- São Paulo. Parábola Editorial, 2013.

BECHARA, Evanildo- **Moderna Gramática Portuguesa**. – Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2009.

BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral I**. Trad.: Maria da Glória Novak, Maria Luiza Néri. 3.ed. Campinas, (SP): Pontes, 1991.

BIBER, D. **Variation across speech and writing**. New York: Cambridge Cambridge University Press, 1988.

BREDA, V. S. M. M. **Preenchimento do sujeito pronominal de 1ª pessoa do discurso em cartas do leitor em um jornal capixaba**. Vitória, Universidade Federal do Espírito Santo, Trabalho de Conclusão de Curso, 2016.

CAMACHO, R.B. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo, Parábola, 2013.

CASTILHO, A.T. de. **Nova gramática do português brasileiro**- São Paulo. Contexto, 2010.

CEZARIO, M. M.; MARQUES, P. M.; ABRAÇADO, J. **Sociofuncionalismo**. In. MOLLICA, Maria Cecília & JUNIOR, Celso Ferrarezi. Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução. São Paulo: Editora Contexto, 2016. p.45-61.

CUNHA, Celso F.; CINTRA, Luiz F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. Ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.

DUARTE, M. E. L.. **Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português brasileiro**. In: ROBERTS, IAN & KATO, MARY A.. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. CAMPINAS, SP: ED. DA UNICAMP, 1993, v. , p. 107-128.

\_\_\_\_\_. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. Tese de doutorado, Campinas, Unicamp, 1995.

\_\_\_\_\_. Sociolinguística Paramétrica. In: MOLLICA, Maria Cecília & JUNIOR, Celso Ferrarezi. **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2016. p.33-44.

FISHER, John L. **Influências sociais na escolha de variantes linguísticas**. Trad. Elba I. Souto. In: FONSECA, Maria Stella; NEVES, Moema F. (Org.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974 [1958].

FOEGER, C.C. **A primeira pessoa do plural em Santa Leopoldina/ES**. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

GUY, G.; ZILLES, A. M. **Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise**. São Paulo, Parábola, 2007.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo, Parábola, 2008 [1972].

\_\_\_\_\_. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors**. Oxford, Blackwell, 1994.

\_\_\_\_\_. **The anatomy of style-shifting**. In: RICKFORD, J. R.; ECKERT, P. (Eds). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 85-108.

LAVANDERA, B. Variación y significado. Buenos Aires, Hachnette, 1984, p.35-46.

LIRA, S. de A.. O sujeito pronominal no português falado e escrito. **Revista Ilha do Desterro**, Florianópolis, 20, p.31-43, 1988.

LOPES,C.R.S; DUARTE. M. E. L. **De Vossa Mercê a você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas**. In: Silvia Figueiredo Brandão; Maria Antónia Mota. (Org.). Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos. I ed. Rio de Janeiro, 2003, v. I, p. 61-76.

\_\_\_\_\_ - O quadro dos pronomes pessoais: descompasso entre pesquisa e ensino. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.19, n.30, jan./jun. 2012- 116- 141.

\_\_\_\_\_. **A gramaticalização de 'a gente' em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos**. Fórum Lingüístico (UFSC), v. 4, p. 47-80, 2007.

LOURENÇO FILHO, M. B. **Redução das taxas de analfabetismo no Brasil entre 1900 e 1960: descrição e análise**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro, v. 44, n. 100, p. 250-272, out./dez. 1965; Fundação IBGE, Séries Estatísticas Retrospectivas, 1970.

MENDONÇA, A. K. de. **Nós e a gente em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba**. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DE BRASIL (MEC); INTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP); ORGANIZACIÓN DE ESTADOS IBERO AMERICANOS (OEI). Breve evolução histórica do sistema educacional. In: MEC; INEP; OEI. **Sistema Educativo**

**Nacional de Brasil:** 2002 (online). Madri: OEI, 2003. P.21-27. Disponível em: <<http://oei.es/quipu/brasil>>. Acesso em: 30 maio.2018.

NEVES, M. H. de M. **Estudos funcionalistas no Brasil**. D.E.L.T.A., v. 15, n. esp., p. 71-104. 1999.

PAREDES SILVA, V.L. **Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal**. Rio de Janeiro, UFRJ, Tese de Doutorado, 1988.

\_\_\_\_\_. Continuidade de referência: Nomes, pronomes e anáfora zero em gêneros da fala e da escrita. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v.3, n.1, p. 133-158, 2007.

ROCHA LIMA, C.H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. Ed.- Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

ROMANELLI, O. de O. **História da educação do Brasil (1930/1973)**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X - a multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. [http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV\\_index.htm#ref](http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref).

SANKOFF, D. **Variable rules**. In: AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIER, K. J. (Eds.). *Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society*. New York: Walter de Gruyter, 1988. p. 984-998.

SILVA, J.Q. G. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos**. Belo Horizonte, UFMG, Tese de Doutorado, 2002.

TAGLIAMONTE, S. **Analysing Sociolinguistic Variation**. New York: Cambridge University Press, 2006.

TAVARES, A. M. **Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística**. Revista Interdisciplinar, Edição Especial ABRALIN/SE, Itabaiana/SE, Ano VIII, v.17, jan./jun. 2013, p. 27- 78.

VOTRE, S. **Um paradigma para a linguística funcional**. Revista Alfa, São Paulo, V.41 (n. esp.), p. 25-40, 1997.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ZILLES, A. M. S. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente?. **Revista Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, 2007.



## APÊNDICES

### APÊNDICE A- EFEITO DO PRONOME VERSUS AMBIGUIDADE NA ESCRITA DE OSWALD GUIMARÃES

	Eu	Você	Você s	Nós	Ele	Tu	Eles	Total
<b>Não ambíguo</b>	63/561 = 11%	-	-	4/109 = 4%	-	3/122 = 3%	-	70/792= 9%
<b>Menos ambíguo</b>	8/52= 15%	8/62= 13%	2/5= 40%	-	15/78= 19%	-	2/17 = 12%	35/214= 17%
<b>Ambíguo</b>	14/19= 54%	9/13= 69%	2/3= 67%	-	17/23= 74%	-	-	42/58= 72%
<b>Total</b>	85/632 = 13%	17/75 = 23%	4/8= 50%	4/109 = 4%	32/101 = 32%	3/122 = 3%	2/17 = 12%	147/1064 = 14%

APÊNDICE B- EFEITO DO PRONOME VERSUS AMBIGUIDADE NA ESCRITA  
DE VICENTE CAETANO

	<b>Eu</b>	<b>Ele</b>	<b>Você</b>	<b>Total</b>
<b>Não ambíguo</b>	21/448= 5%	-	-	21/ 448= 5%
<b>Menos ambíguo</b>	16/57= 28%	18/91= 20%	15/29= 52%	49/177= 28%
<b>Ambíguo</b>	8/10= 80%	4/7= 57%	15/20= 75%	27/37= 73%
<b>Total</b>	45/515= 9%	22/98= 22%	30/49= 61%	97/ 662= 15%

APÊNDICE C- EFEITO DO ENVOLVIMENTO VERSUS TEMÁTICA DOS TRECHOS NA ESCRITA DE OSWALD

	<b>Subjetivo</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Total</b>
<b>Maior envolvimento</b>	16/81=	42/259=	58/340=
	20%	16%	17%
<b>Menor envolvimento</b>	2/25=	88/701=	90/726=
	8%	13%	12%
<b>Total</b>	18/106=	130/960=	148/1066=
	17%	14%	14%

APÊNDICE D- EFEITO DO ENVOLVIMENTO VERSUS TEMÁTICA DOS TRECHOS NA ESCRITA DE VICENTE CAETANO

	<b>Objetivo</b>	<b>Subjetivo</b>	<b>Total</b>
<b>Menor envolvimento</b>	55/522=	5/10=	60/532=
	11%	50%	11%
<b>Maior envolvimento</b>	25/88=	12/42=	37/130=
	28%	29%	28%
<b>Total</b>	80/610=	17/52=	97/ 662=
	13%	33%	15%

## ANEXO

## ANEXO A- ALGUNS POSTAIS DE VICENTE CAETANO

Rio 30.4.54 - 17 hs.

Querida. Recebi hoje sua carta de 28 e agora ha pouco uma do Fraga com o titulo para reforma do Credit Real. Mas não posso ainda tomar nenhuma providencia porque o cheque ainda não chegou e como amanhã é período nacional e de pois de amanhã é domingo, só segunda ou terça feira é que poderia, talvez, fazer alguma coisa. Se não fosse alguns di-  
 alheiro que apauerei na Procuradoria para a despesa corrente já estaria em dificuldade. Apesar do misterio que fazem sobre a viagem do Ceolando parece que ele foi a Baudres. É a des-  
 vantagem de se lidar com medicos importantes e milionarios. Para re-  
 poso da garganta o Paulo mandou que eu voltasse a clinica terça feira. Já se foi a segunda semana. Vou en-  
 trar na terceira. Disse-me ele que esses tratamentos, em regra, nunca se concluem numa série só, precisam se renovar uma ou mais vezes, devi-  
 do a quantidade de radio recebida pelo organismo e que não pode exceder a certo limite que se calcula em cada caso. A alta que se dá é relativa e provisoria, ficando o paciente sob con-  
 trole medico até a cura completa. Veja, você, querida, o abacaxi que você trouxe. Tinha razão o Heira e a Tika, aconselhando-a a desistir. E eu me diria resignado:  
 Coração! Coração! Como na mocidade,  
 Sonhas demais! Talvez... um sonho vão.  
 Sopros, porque is assim... Acalma essa  
 ansiedade,  
 Sobeja, coração.  
 Abandone a esperança da felicidade.



Rio 3. 2. 54

Meu bem.

Estive hoje pela manhã na Igreja de S. José, rua da Misericórdia, ao lado da Câmara dos Deputados, e invoquei a proteção de S. Braz. Soube depois que se podia pedir ao Padre a bênção da garganta. À tarde estive no Cosme Velho, em Baraúgeiras, no Santuário de São Judas Tadeu, onde adquiri <sup>em</sup> <sup>(H) Dop</sup> — Serie "Lux" — pequenas lençóis brancos para você.

Recebi seu cabograma animador e sua carta de 28 com dois lindos cromos.

Faz a oração do motorista para você dar ao João.

Beijo-a com saudade, minha querida.

px

Rio 6.2.54 - 9 hs.

Mayde

Bom dia. A chuva que começou ontem à tarde continua hoje. O dia amanheceu de um cinza escuro e eu também acordei com a coração assim envolto num pesado nevoeiro de saudade de você.

Os exames apresentam bons resultados. A excrecência maligna está se reduzindo.

Mas para combater uma gripe que se instalou em mim há dias não tem cedido e desde ontem está mais forte. Esolando me receitou e recomendou que guardasse repouso no hotel sem me expor ao mau tempo que chegou depois de um mês de caricula. Senti muito não poder ir mas de perto ou de longe tenho você no pensamento

Giulietta e Romeo

Verona

Olivetto

Printed in Italy

Importé d'Italie

Sempre junto de você.